# Ama de Marians

Director:

AFONSO DOS SANTOS

JOAQUIM GONÇALVES PIÇARRA

Este jornal, órgão dos "Marialvas de S. Cristóvão", não tem preço. Porém aceitamos qualquer dádiva que os nossos amigos nos ofereçam, atendendo ao fim a que se destina VESTIR OS NUS.

Editor:

FRANCISCO M. DE ALMEIDA

Comp. e Imp. Edit. Gráf. Port. Lda. Rua Nova do Loureiro, 32 — Lisboa

### SOMA... E SEGUE

Dezoito anos pouco ou nada significam na vida de um indivíduo, bem como na das colectividades fortemente estruturadas e assentes em alicerces adequados à sua grandeza. Nas outras, mais modestas, já o caso se torna diferente, e ainda mais diferente se afigura em relação a grupos pequenos com as características de «Os Marialvas de S. Cristóvão».

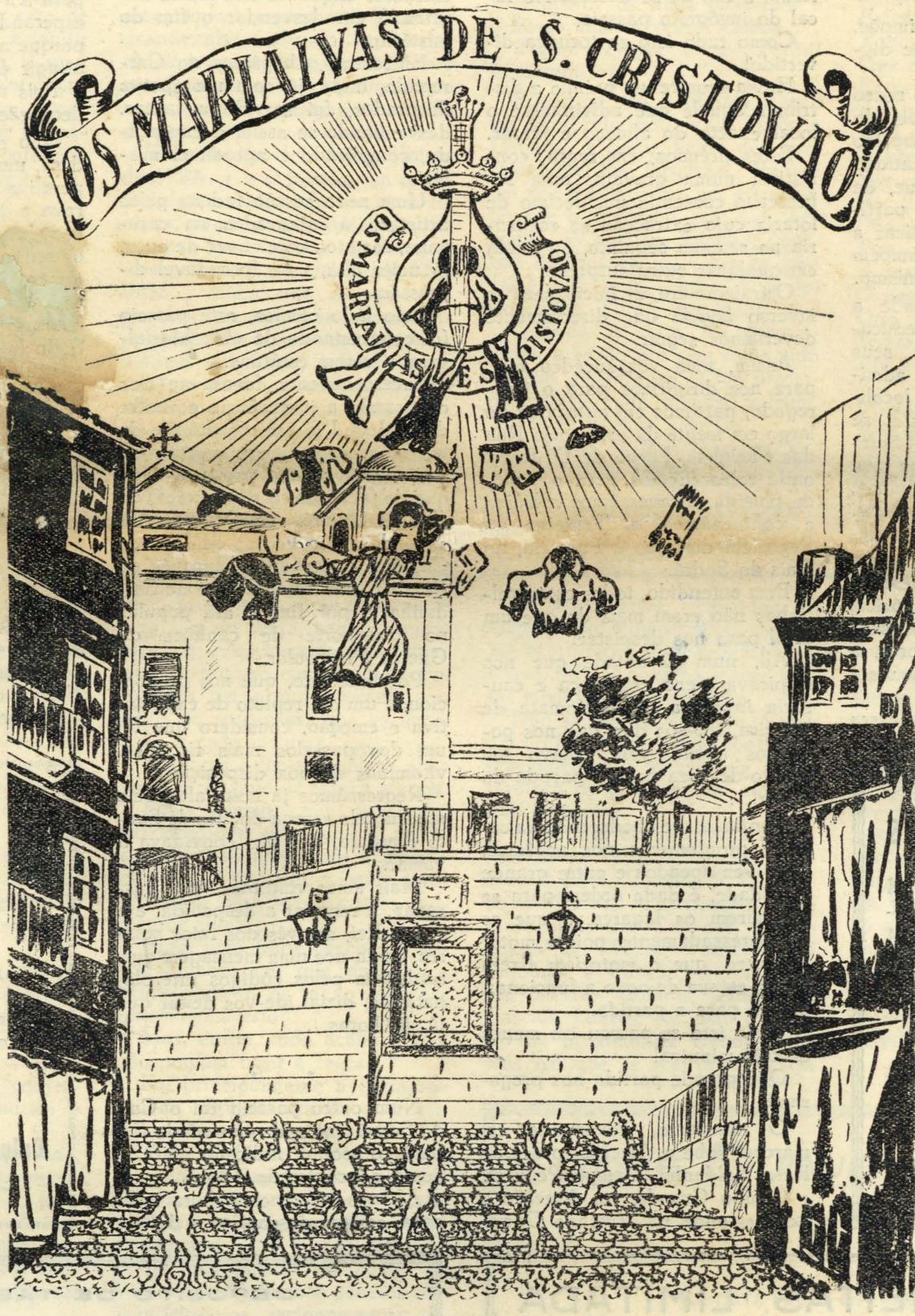
Na verdade, dezoito anos representam muitíssimo muitíssimo muitíssimo mesmo, nun grupo da índole do nosso, formado de forma simples e sem outras traves-mestras a ampará-lo além da dedicação dos seus componentes.

Todos nós sabemos que em Lisboa se formam grupos com demasiada frequência — uma frequência só comparável à facilidade com que também se dissolvem. Alguns têm tão efémera duração que quase nem chegam a existir, ao passo que outros, mais persistentes, teimam em lutar contra os ventos teimosos da adversidade, enfrentam os escolhos que pretendem barrar-lhes o caminho e acabam por sobreviver a to-

dos os contratempos.

Ora, se é certo que neste mundo muitas coisas acontecem por acaso, não é menos certo que nele nada existe ou perdura por força desse mesmo acaso ou por fortuitas circunstâncias do destino.

Não! A existência do que quer que seja tem sempre origem num trabalho de elaboração mais ou menos longo e contínuo e a sua sobrevivência acha-se condicionada por um conjunto de circunstâncias que propiciam a sua conservação e desenvolvimento. É por demais sabido que a função faz o órgão, o qual se atrofia e morre quando



aquela deixa de se exercer. Deste modo, parece-nos incontroverso podermos concluir sem esforço, antes com toda a naturalidade, que «Os Marialvas de S. Cristóvão», ao festejarem o seu 18.º aniversário provam exuberantemente ter sabido corresponder aos fins que inspiraram a sua fundação, pois é evidente que só os organismos que cumprem os objectivos que se impuseram conseguem sobreviver e dilaar-se no tempo e no espaço.

O nosso grupo foi formado com o fim de fomentar um mais estreito contacto entre os seus associados e respectivas famílias, levando-os a confraternizar algumas vezes por ano. Mas logo após a sua fundação, enveredou pelo caminho da beneficência, o qual se processou por vestir e calçar anualmente um número indeterminado de crianças. Com o auxílio e o estímulo de alguns amigos e adeptos e a cooperação dedicada dos seus sócios, ambos os objectivos foram satisfatòriamente atingidos. E dizemos satisfatòriamente, porque somos insatisfeitos, porque desejaríamos fazer

mais e melhor, porque temos a consciência de que por muito que possamos fazer, apenas conseguiremos contribuir com uma insignificante parcela para a grande obra que a sociedade tinha obrigação de realizar em benefício dos desprotegidos da sorte. Mas tudo neste mundo é relativo — e, dentro dessa relatividade, «Os Marialvas de S. Cristóvão» têm sabido honrar-se a si próprios, forcejando por bem desempenhar-se da sua grata missão nos domínios do Bem-Fazer.

JOAQUIM GONÇALVES PIÇARRA

### "OS MARIALVAS DE S. CRISTÓVÃO"

Foi ali, nas faldas do Castelo de S. Jorge, em frente da Igreja de S. Cristóvão, freguesia e rua do mesmo nome, no número 23 e 1.º Bairro de Lisboa, que se iniciaram os primeiros passos de tão florescente baluarte de beneficência à infância.

A sua obra de protecção à criança é sobejamente conhecida e apreciada por todos que de perto a têm acompanhado.

A ela se têm referido, em termos deveras elogiosos, os principais periódicos da Capital.

Lá muito se tem dito, mas nunca é demais enaltecer tão filantrópica missão de praticar o Bem, vestindo e calçando dezenas de crianças, nunca as esquecendo sempre que se festeja mais um aniversário do nosso grupo.

E um dever que se nos impõe, conscientes de que muito se dignifica a Humanidade!

A beneficência agrupa no nosso primeiro plano e só depois de conscientemente termos cumprido e saldado tal dívida de gratidão para com as crianças é que, de alma lavada e purificada, partimos em debandada, a praticar a outra variante, símbolo também dos «Marialvas»: o excursionismo.

Também nesta modalidade a sua obra tem sido vasta e educativa, proporcionando aos seus componentes e convidados admiráveis passeios a diversas localidades onde, após o repasto, se têm realizado soberbas e inesquecíveis sessões de Fado, em que têm actuado artistas de renome, sempro frenèticamente aplaudidos.

Estes passeios, que já ultrapassam a casa dos cinquenta, eram de início realizados tri nestralmente e organizados por sócios, escalados e proclamados os seus nomes nos almoços anteriores, e que depois actuavam secretamente entre si.

Com saudade relembro esses

1939-1957

### Um pouco da sua história...

belos tempos dos tão apreciados passeios-mistério!

Era então ver os sócios organizadores a isolarem-se do nosso convívio para, sob rigoroso sigilo, escolherem o local do passeio a realizar.

Em contrapartida, os outros sócios a espionarem-lhes as peugadas nas suas deslocações, principalmente domingueiras, vigiando-os nos rumos que pretendiam seguir. Travava-se uma luta porfiada, a fim de se descobrir o local do incógnito passeio.

Como tudo isto se tornava divertido!

Havia sempre um prémio a distribuir àquele que adivinhasse o local exacto do almoço e jantar.

Estes prémios, em regra, consistiam numa gravata, num sobrescrito contendo um décimo de lotaria cuja extracção se realizaria na semana seguinte, ou ainda em qualquer outra surpresa.

O trajecto era, de início, sempre inverso àquele que directamente deveríamos seguir.

Assim, uma vez sucedeu que, para nos dirigirmos para o Carregado, partimos em autocarro do largo em frente da sede, pela Rua das Farinhas, Largo de D. Rosa, onde retrocedemos para o ponto de partida, atravessámos a Baixa e contornámos o Terreiro do Paço, em direcção à Parceria, no Cais do Sodré.

Bem entendido, todas estas voltinhas não eram mais do que um ardil para nos despistar!

Ali, num à-vontade que nos inspirava plena confiança e causaria inveja a um diplomata de carreira, foi-nos dito que nos podíamos apear, pois faltava um quarto-de-hora para a partida do vapor!...

Confiantes, e obedecendo às ordens, prontamente nos apeámos. Uma vez apeados e entre grande hilaridade, é dada ordem para se retomarem os lugares, o que se fez apressadamente, pois o motor do carro, que o motorista fizera parar, estava de novo a funcionar, pronto para a partida.

Tudo isto se passou em menos de três minutos!

Que grande partida nos pregaram!

O autocarro, novamente em marcha, sobe o Alecrim, passa ao Rato, Saldanha, Campo Pequeno e Campo Grande, em direcção a Loures, onde na Vivenda Durão e na sua adega se realizou o apetecido almoço.

Seguiu-se uma retumbante sessão de fados, por artistas trazidos expressamente por um nosso ex--consócio, actualmente residente no estrangeiro.

Finda esta tão memorável actuação, novamente partimos em busca do misterioso local do jan-

A caravana, agora aumentada com mais dois carros, foi sulcando estradas, enquanto nós íamos cogitando em desvendar o fim do mistério.

Entretanto, chegámos ao Carregado, onde, já com um apetite devorador, foi servido o jantar, desvendando-se assim o engraçado, complicado e agradável mistério!

Uma nova sessão fadista pelos artistas, já integrados na caravana, rematou com chave de ouro, já noite alta, esta formidável digressão.

Pelo lado cómico, este passeio foi cognominado de «Os Marial-vas» a verem estátuas...

Sucessivamente, foram-se-nos deparando a imponência equestre de D. José I, o esforço titânico de «O Homem ao Leme», o gesto de incitamento às suas tropas do Duque da Terceira, a «Verdade», de Eça de Queirós, os «Varões Assinalados» e o lirismo de Luís de Camões, o garbo do Marquês de Pombal, o marcial Duque de Saldanha e, por fim, o afá popular no transporte de canhões da Guerra Peninsular.

Por tudo isto, que nos proporcionou um dia repleto de expectativa e emoção, considero que foi um dos passeios mais ricos em vitaminas de boa disposição.

Regressámos já noite alta, bela madrugada serena do mês de Santo António, que nos convidava à valsa...

Mais umas voltinhas «p'rá sossega», a rematar a despedida, e o Astro-Rei, através dos raios solares, envia-nos uma mensagem que, traduzida pelos códigos interplanetários, dizia: ide-vos deitar que já são horas...

Num outro passeio foi o Cais do Sodré, junto da Sociedade Estoril, o ponto indicado para a nossa concentração.

Ali nos reunimos à hora indicada, sempre desconfiados de que

não seria na linha de Cascais o ponto a atingir.

Nós assistíamos impassíveis ao vaivém de centenas de passageiros, que se cruzavam entre si, à partida de comboios, uns após outros, e... esperem mais um bocadinho... pois faltam uns elementos que foram convidados para abrilhantar as sessões de Fado...

Tenham paciência e calma...
esperem mais um bocadinho...
Eles prometeram e não faltam, devem estar a chegar. «Assem» mais
um instante...

A verdade é que não faltava ninguém!

Era um dos truques empregados e em voga nos passeios-mistério. A um sinal de um dos organizadores fomos encaminhados para a Parceria e ali continuámos esperando... Já todos rejubilavam, porque a hipótese predominante a atingir era a cidade de Settúbal.

Pois ainda sofremos mais uma decepção.

Não suspeitámos do «Eldetrudes», um gasolina «mula» da Cooperativa dos Catraeiros, que pairava a jusante e, uma vez atracado, nos despertou a atenção com os seus silvos estridentes. Foi justamente nele que embarcámos, e para onde?

Imediatamente a cidade do Sado foi posta de parte, pois não nos abalançariamos a demandar a Barra em tão frágil embarcação.

a Barra em tão frágil embarcação. Continuava pois o mistério!

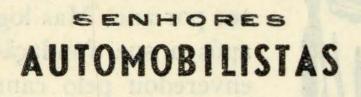
O «Eldetrudes» já singrava, rio abaixo, guinando com rumo a Cacilhas ou Trafaria, bem entendido, a despistar, mas, numa manobra primorosa la la la, la agora acima, e qualquer localidade do Ribatejo era dada como certa.

Já nos ocorriam Alverca, Alhandra, Vila Franca ou mesmo Salvaterra.

Atracámos ao cais de Vila Franca de Xira.

Os organizadores ainda se ser-

# 1111 # 111 # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | # 111 | #



JOSÉ DA SILVA

JOAQUIM T. COSTA ESTOFADORES DE AUTOMÓVEIS

> Encarregam-se de todos os trabalhos referentes à sua arte

Desconto de 10 % aos sócios dos Marialvas de S. Cristóvão

R. da Graça, 2-D + Tel. 84 20 19

# TABACARIA TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ARTIGOS DE RETROZARIA JORNAIS E REVISTAS

Calçada de Arroios, 48-B

### ARTUR VIEITAS, LIMITADA

TORREFACÇÃO DE CAFÉS DE TODAS AS QUALIDADES

TRAVESSA DE S. MIGUEL, 4 . LISBOA

DEPOSITO DE TABACOS

### ANTONIO J. CAMPOS

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 35-A a 35-C . TELEF. 46156 . LISBOA

### A Valentia e o Medo nos Toireiros

Os portugueses desde há muitas dezenas de anos, poderemos dizer desde há séculos, que se divertem com a festa rija e brava que se faz com os toiros. «Marialvas», como expressão de gente que gosta de toiradas, quer como espectadora, quer intervindo nelas, não é apenas do século passado. Vem de há muito, mesmo sem existirem os Marialvas, mas, mais modernamente, do tempo em que acaba o Campo de Santana e começa o Campo Pequeno, a festa de toiros criou raizes que se não arrancam com facilidade da alma do povo.

Nós e os espanhóis — a Península Ibérica — ainda somos os arautos entusiastas desse espectáculo viril que punha e põe de pé milhares de pessoas a aplaudir um homem! Um homem e uma fera! No futebol nós aplaudimos por vezes, também, uma figura apenas, mas, no geral, é o conjunto, é o lance em que intervêm muitos homens o que nos faz vi-

brar.

Ali, no redondel, com uma figurinha vestida de seda e fios de oiro, os nossos olhares são absorvidos por um conjunto, sim, mas mais reduzido: o toireiro e o toiro. Se o ruedo é grande, a impressão de pequenez do herói do anillo chega a afligir, se, ao seu encontro, quando citado, investe em fúria um toiro grande. E, então, o homem, a figurinha cujo traje faisca ao sol, agiganta-se de tal maneira que até parece ser trazida até nós pelo poder mágico da teleobjectiva de um operador

cinematográfico. O torerillo passa assim a ser o dono dos nossos sentidos. O toireiro é então um herói.

Claro que ao dizer isto eu estou a recordar... Não digo de que tempo, mas não é dos tempos de hoje, em que os toirinhos são quase de cartão com corda a moverse a belo talante do toireador...

Passo pois de 1957 a 1929, por exemplo, e situo-me em Córdova, a terra dos califas, os que vieram da Mauritania e os que, tendo nascido ali, se chamaram Lagartijo, Guerrita e mais tarde Manolete!

Havia corrida na tarde em que por ali passei. Toireavam vários, um terno de novilheiros cujos nomes esqueci, menos um. Este era grande, alto, ombrudo, «mal amanhado», como diz o povo. Vestia um fato de toireiro pobre. Não eram oiros. O vestido era bordado de prata.

Tocaram-lhe dois toiros (toiros de 1929...) e o toireiro em questão deu-me ideia de que não tinha el angel, isto é, que não tinha a graça que faz do toireio uma coisa artística em alto grau. Mas tinha... tinha uns riñones tremendos. Arrimava-se assustadoramente. Era a sua característica. Toireio em força, toireio bruto.

Metia medo o seu toireio. Punha-nos o coração aos pulos.

— Quando é que este homem
vai estripado, para a enfermaria?
— perguntava-se na praça toda.

Felizmente o homem não morreu. Para bem de todos, para bem da afición que gosta da emoção mas nada quer com a morte. Para morrer lá está o toiro, que para isso é criado com todos os cuidados, quatro ou cinco anos (?) à boa vida, a comer boa erva... e o trabalho que seja para os outros, os da charrua.

Não morreu pois o «meu herói». Mas saiu esfarrapado da arena. Saltavam-lhe as chumaceiras de algodão das ombreiras do traje, pendiam dos joelhos os galões bordados a branco, viam-se os pedaços rasgados dos calzoncillos e até la corbata tinha ficado em fanicos.

Herói autêntico. Herói de valentia e pundonor. Eu gosto também deste tipo de toireiros.

Depois... os anos passaram e o nosso homem veio a Lisboa.

Torón! Torón e só Torón! Lembram-se?

Pois esse era o diestro a que me estou referindo. Veio Torón a Lisboa... e fugiu diante dos garraios que lhe largaram. Porque um dos novilhos fez um estranho, porque o redondel era mais pequeno do que em Espanha, porque lhe haviam dito que os garraios não eram puros mas sim brincados, Torón teve medo!

Quando, à noite, lhe perguntaram a razão por que tinha tido aquelas espantadas quase incompreensíveis num homem valente, Torón respondeu a sorrir:

— Tenho lá dois filhos em casa... y comen mucho!

> FERNANDO BAPTISTA (Zé Sincero)

Singrando no mar da vida Lá segue a barca seu norte, Sempre veloz, destemida... O seu altaneiro porte Tudo leva de vencida. Equipada de valentes Que têm forte coragem, Ante o p'rigo, estão contentes, Em todos uma miragem Que os torna mais conscientes. Salvar das ondas iradas Os náufragos, sem esp'rança, Almas já despedaçadas, Para quem mesmo a bonança As torna mais desgraçadas. Há impetos de ironia No velar p'lo semelhante, Entre constante alegria Há alegria constante, Lealdade e simpatia. Timoneiro de valor Põe de vigia teus olhos! Navega sem destemor, Evita encontrar's escolhos, Escolhos, só dizem dor... Todos podeis constatar, Que o pobre no seu sentir, Entre humildade sem par, Até para saber rir Tem que aprender a chorar. A barca vai mais além... Seu empório, sem engodos, Por finalidade tem: Pão que cheque para todos, P'ra que todos vivam bem. A mais concludente prova: O destino é como um terco Que se reza de hora a hora, Seque o homem desde o berço Até à beira da cova.

Vosso fim beneficente
Acuardando novas alvas...

O marinhagem valente!
Essa barca. os «Marialvas»,
Timoneiro, o Presidente!

JOSÉ LUCIANO

viram de mais um truque, pois desembarcaram dizendo-nos que se não demorariam... Iriam apenas tratar de uns pormenores que se relacionavam com o nosso bem--estar na localidade onde se realizaria o repasto. O gasolina largou as amarras e nós continuámos a «assar», contando milhas em direcção ao Cabo, dando voltas em todos os sentidos, creio que fazendo os preparativos basilares e estudos essenciais para a construcão da ponte, agora ali construida. Cada vez mais o mistério se adensava!

A comissão não mais voltou, mas, volvidas quase duas horas, nova atracação se realizava no mesmo ponto, onde por fim também desembarcámos.

Errara-se em todas as conjecturas, mas estava desvendado o mistério.

Então, na Pensão Ribatejana, onde a Comissão já tinha preparado tudo em condições de imediatamente ser servido o almoço, tivemos o prazer (o apetite era devorador) de saborearmos uma caldeirada a rigor e de timbre regional.

Findo tão maravilhoso repasto, seguiu-se, como é da praxe, uma gigantesca sessão de Fado, interrompida apenas para se jantar, que também muito agradou.

A sessão fadista continuou num ambiente indescritível, pois os

elementos que actuavam eram a fina flor do Fado, havendo entre eles um que alcançou uma situação de renome como cantor. Foi também um grande passeio, repleto de surpresas, que se sucediam a cada instante.

O regresso fez-se também altas horas e no meio de franca alegria. Belos tempos que passaram,

deixando-nos estas gratas recordações! Não recebemos a mensagem do Astro-Rei porque recolhemos a casa uns escassos momentos antes...

Eram uma fonte perene de sabor humorístico, que muito nos impressionava, os inesquecíveis passeios-mistério!

Mas, enfim, tudo acaba e eles não podiam fugir à regra.

Foi principalmente a deflagração da segunda grande guerra a causa do seu aniquilamento.

Todo o Mundo foi abalado por tão terrível flagelo, e a estrutura do nosso grupo fatalmente sofreu também as suas inevitáveis consequências.

O agravamento do custo de vida, as restrições nos géneros alimentícios, os racionamentos de toda a espécie, as faltas de carburantes, etc., forçaram a Direcção não só a elevar a quotização como a alterar para quadrimestrais os passeios, que até então se realizavam trimestralmente, e a encurtar a sua extensão.

Os transportes, reduzidos ao estritamente indispensável, que foi até à proibição total do excursionismo, influiu poderosamente nestas medidas de emergência.

Não se perdeu, contudo, a magia do Fado, antes pelo contrário: reacendeu-se a chama da velha tradição de o ouvir bem cantado fora de portas.

Estas digressões passaram a realizar-se, alternadamente, nas quintas de S. Vicente, S. Louren-ço. Pedralvas, Charquinho, Cartuxa, Solar das Cabanas, Castanheira de Moura, Patrício, «Ti Jaquina» e Pancão, assim como em Sintra, Colares, Alhandra, Cascais, Loures, etc., isto é, dentro ou próximo de Lisboa. Nos dias em que se realizavam estas

digressões era certo que uma grande falange de artistas, nossos amigos, se deslocavam para confraternizar connosco e prestarem o seu valioso concurso (muitos até nos intervalos da sua actuação nas casas típicas), o que nos sensibilizava deveras, pois a sua actuação junto de nós é sempre muito apreciada e bem-vinda. «Os Marialvas de S. Cristóvão»

têm vincado, com fidalga galhardia, a sua passagem pelas terras em que são recebidos, deixando só amigos desejosos de os receber novamente no seu seio.

O bom-senso e a nossa compostura são incompatíveis com notas desagradáveis que sempre repudiámos!

Or world orest vinitos do rais

António José da Cunha

### JOSÉ DUQUE DA SILVA

ALFAIATE DIPLOMADO

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS

PARA HOMENS E SENHORAS

COM PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

Rua Miguel Bombarda, 130 · Telef. 023495 · BARREIRO

### FILHO PERDIDO

Três horas da madrugada abre-se a noite à tristeza, os corpos revelam pranto; e aquela mãe desgraçada suspira, ajoelha e reza p'lo filho que adora tanto!

Ele que na vida terna mantinha o mais alto brio, subindo, olhando por si, deu em gastar na taberna e transformou-se em vadio de quem o mundo se ri.

Como estigma da miséria tem o rubor duma brasa a dar-lhe a expressão ao rosto! Perde as noites, gasta a féria, leva consigo p'ra casa em vez de pão, o desgosto.

E a mãe, no mesmo estribilho, encara-o, dá-lhe um conselho, mas pensa, quando ele sai: gostava que este meu filho fosse rever-se no espelho dos bons exemplos do pai.

E pede sempre mais sorte, era tudo o que pedia p'ra sustentar o filhinho! mas, súbito, veio a morte. Foi esse o primeiro dia em que ele não bebeu vinho.

Porque as mágoas o consomem, mostra ao mundo as carnes nuas e, por sentença fatal, perdeu a aparência d'homem: É um palhaço das ruas, em dia de carnaval.

ABEL PEREIRA DE ARAÚJO

#### FEIA

Depois de aturado enleio, Entre as demais te escolhi, Como és feia, não receio Que os outros gostem de ti.

Pensei contigo ascender Nesta vida negregada. Não é por muito escolher Que a escolha sai acertada...

Ante um amor que não finda, Lar algum se desmantela, A mulher é sempre linda, Quando a gente gosta dela.

Dizem que tenho mau gosto Em te amar, mantendo calma, Que importa o teu feio rosto, Se possuis beleza de alma?...

JOSÉ GABRIEL DE ALMEIDA

RESTAURANTE

PORTAS

de

GABINO & FERNANDES, L.da

Optimo serviço de cozinha
Os melhores vinhos do País

A casa preferida por todos os amigos dos «Marialvas de S. Cristóvão» e dos empregados bancários de bom gosto

Rua dos Correeiros, 11
Telefone 30023 LISBOA

### EVOCAÇÕES...

Ao entardecer do passado dia 13, em minha casa, foi-me pedida despretensiosa e inglória colaboração no jornal Alma de Marialvas, órgão do muito conceituado e bastante simpático grupo «Os Marialvas de S. Cristóvão».

Com a melhor das boas vontades, desejo e procuro corresponder a tão grande amabilidade; mas, com franqueza, estou quase sem saber como começar.

Olhando o calendário, reparei que a véspera do dia em que estava tinha sido o dia 12 de Maio, e, ràpidamente, surgiu ante os meus olhos a figura esbelta do inolvidável cavaleiro Fernando de Oliveira, morto tràgicamente no Campo Pequeno, na tarde de 12 de Maio de 1904, que, por sinal, era uma das nunca esquecidas Quintas-Feiras da Espiga, de tão gratas recordações para quem teve a felicidade de ainda as gozar e que tão lindamente eram desenhadas pela maviosa voz da gentil Deolinda de Macedo, no Eden Teatro, nos versos de «A Espiga», que ficou célebre entre as mais belas canções de Portugal.

Fernando de Oliveira era um artista exímio, que toureou em todas as praças portuguesas e em algumas da vizinha Espanha, tendo ido várias vezes à América do Sul, vivendo entre entusiásticas ovações e de triunfo em triunfo, até que a implacável morte lhe saiu ao encontro em um dos seus campos de glórias!

Era bondoso, estremoso pela família, bom e desinteressado amiqo do seu amigo e um artista consciente, muito valente e cheio de pundonor.

Matou-o o toiro «Ferrador», número 39, do Marquês de Castelo Melhor, há 53 anos! Como eu vou envelhecendo... que, em tal data, quase só pensava em constituir família!

data de grande luto nas páginas da História da Festa Brava: a morte de José Gomez y Ortega, «Joselito».

«Joselito», que foi um autêntico colosso na tauromaquia e que toureava airosa e vistosamente com o capote, era um bandarilheiro estupendo que colocava pares de bandarilhas verdadeira-

mente assombrosos! Com a muleta nas mãos, enlouquecia os que tinham a felicidade de o ver, direito, quase sem movimentar os pés, mandando no toiro em faenas que se não podem descrever, tal era a sua firme confiança, o completo domínio e a invulgar elegância que transformava a sua maneira de lidar num tratado da mais requintada Arte!

E morreu estupidamente na cabeça do «Bailador», toiro ordinário da ainda mais ordinária ganaderia da Viúva Ortega, na Praça de Talavera de la Reina.

Descansa eternamente no Cemitério de São Fernando, de Sevilha, no magnífico e artístico mausoléu, pensado e executado pelo genial e extraordinário burilador do mármore e do bronze: Benlliure!

À frente das populares e típicas figuras que conduzem aos ombros a urna com os restos do malogrado toureiro, caminha triste, vacilante, completamente vencida pela dor e derramando copiosas lágrimas, uma novel e gentil cigana, que leva nas suas trémulas mãos a imagem da Virgen del Carmen.

Caminha penosamente e é amparada, pelas costas, por outra ciganinha ainda mais jovem, mas também cheia de tristeza e verdadeiramente acabrunhada pelo sofrimento da sua irmã de raça.

A cigana que conduz a Virgem é Soledad, companheira inseparável da infância de «Joselito», a quem votava um amor louco, ardente e inexcedível!

O escultor soube de tudo e, delineando aquela verdadeira obraprima, pintou, para todo o sempre, essas duas desgraçadas figuras, que, na vida, nunca conseguiram realizar o seu Sonho!

Seria tal desgosto o causador da tristeza que ensombrava quase sempre o simpático rosto do pobre «Joselito»?...

Perdão, caros «Marialvas», por só lhes ter falado de mortos!... Mas, meus amigos, terão de concordar que há mortos que são autênticas e convincentes lições... para os vivos!...

Eduardo Miranda Neves

Bem conhecida versão...

Portugal, doce País

Onde o destino é canção!

Para cantar bem o fado,

Dá-se à guitarra um abraço:

O coração, encostado,

É que lhe marca o compasso.

A guitarra, em cada corda, Tem um requebro de voz Para embalar, quando acorda, O fado dentro de nós.

FADO LUSÍADA

Fado é destino, nos diz

E o fado, que nos encanta Por mistério de emoção, Ou nos canta na garganta, Ou canta no coração!

Quando o fado vibra e sente Com mais triste suavidade, É quando, ao peito da gente, Ouvem tocar a saudade.

ANTÓNIO DIAS DE ABRANTES

### Em outros tempos

(Aos fadistas da Velha Guarda)

Os fidalgos e os toureiros Quando iam 'sperar o gado Levavam como escudeiros A guitarra e mais o fado.

Que noites! Sublimes jóias
Doutros tempos mais fagueiros,
Que partiam nas tipóias
Os fidalgos e os toureiros.

Chapéus largos d'aba-tela Calças dum corte apertado, Era o trajo em noite bela Quando iam 'sperar o gado.

As cantadeiras bairristas E os poetas altaneiros, 'scolhidos entre os fadistas Levavam como escudeiros.

Lindos versos, quais tesoiros De valor apreciado, Cobriam então de loiros A guitarra e mais o fado.

Vasco Augusto de Carvalho

### MERCEARIA

Pérola de Alvalade, Lda.

R Luís Augusto Palmeirim, 9-E SUCURSAL: Estrada da Telefone 775266 Portela de Sacavém, N.º 11-A

LISBOA

### GRANDE ESPLANADA DA CARTUXA

### SOLAR DO MONTEIRO

Gartuxa-Caxias-Tel. 042274

### VINHOS e COMIDAS

Retiros ao ar livre com esmerado serviço de cozinha

Preços reduzidos especialmente para Grupos Excursionistas e famílias numerosas

### MARINHEIROS DE PORTUGAL

(CONTO HISTÓRICO)

Na noite da véspera do glorioso combate entre o caça-minas «Augusto Castilho» e um poderoso submarino alemão, no mar dos Açores, em 14 de Outubro de 1918, a guarnição do pequeno naviozinho português, acabada a faina de bordo, juntou-se no convés a cantarolar canções da nossa terra, mais ou menos em voga por esse ano de 1918.

Uma guitarra apareceu e então

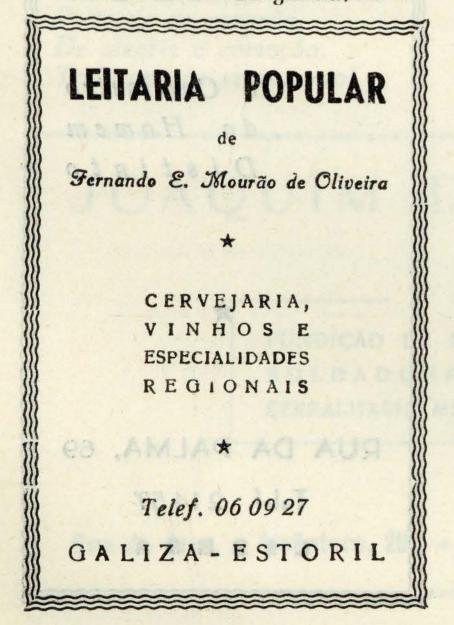
foi uma alegria!

O nosso lindo fado entrou em cena, tendo-se, nesse momento, observado a existência de belas e castiças gargantas, que, logo umas após outras, se fizeram ouvir nos velhos «Corridinho» e «Mouraria», com ruidosos aplausos da marujada que se juntara em torno dos cantadores, sobressaindo dentre eles a bela voz do jovem telegrafista Elísio Martins da Nova, que, entre várias produções poéticas, cantou, já no fim do improvisado serão, uma cantiga glosada em quatro décimas, repassadas de misterioso sentimento, no velho «Mouraria», e cujo mote era assim:

> Submarino à vista Grita da gávea o vigia... Portando-se a marujada Com valor e galhardia!

Ora por esses calamitosos tempos de guerra, estavam no auge os nefastos e diabólicos ataques de submarinos às frotas dos países aliados e raros eram os dias em que não se assinalavam torpedeamentos, com todo o seu cortejo de horripilantes tragédias e, em muitos casos, sem que ficassem sobreviventes para descrever os horrores desses macabros afundamentos.

Continuou, pois, o nosso bom telegrafista, narrando, ao som da guitarra, o assunto sobre o qual versava a sua cantiga, ouvido por toda a gente de bordo com o mais impressionante silêncio, tanto mais que os seus versos descreviam um ataque de um submarino inimigo a um navio português, do qual era tripulante um pobre moço enamorado, que, após o torpedeamento do seu barco, é arrastado pela corrente, já morto, a uma praia distante, apertando, nas mãos crispadas, os restos já disformes de uma sotografia.



Era o retrato da noiva que o esperava, na sua ridente aldeia, para unir o seu destino ao dele, no regresso dessa viagem.

Tal era o doloroso e delicado assunto daquelas merencórias quatro glosas com que o juvenil marinheiro fechara aquele talvez profético serão, naquela noite de 13 de Outubro de 1918.

E o varonil caça-minas «Augusto Castilho» lá ia seguindo, altivo e galhardo, a comboiar o paquete «S. Miguel», por aqueles mares infestados de submarinos, sob a tenaz vigilância do bravo e glorioso comandante José Botelho de Carvalho Araújo!

Pelas seis horas da manhã do dia seguinte, isto é, a 14 de Outubro de 1918, trava-se o espantoso e formidável combate entre o «pigmeu» português e um gigantesco submarino alemão, o qua'l, pela sua desmedida superioridade, não tardará em meter no fundo o navio confiado à guarda do herói. Mas este está alerta e, vendo o perigo que ameaça o tesouro que lhe fora confiado, vira a popa ao «S. Miguel» e atira-se ide proa para cima do monstro, a vomitar metralha sobre ele, e tanto se aproxima do «gigante» que o atinge fortemente no costado e na torre de comando, ao tempo em que o «S. Miguel», protegido por este espantoso gesto, de uma audácia incomparável, foge a toda a força das suas máquinas, com o seu carregamento de vidas preciosas, salvando-se graças à indómita bravura dos marinheiros de Portugal, capitaneados pelo seu agrégio comandante, que só se rendeu quando no caça-minas faltaram por completo as munições, e já com a certeza absoluta do dever cumprido, que foi salvar um paquete cheio de vidas, do qual fora o mais ousado e destemido guardião!

Ficara juncado de cadáveres e feridos o convés do valente «Augusto Castilho», e, entre eles, feridos mortalmente, além de outros. o bravo e ousado comandante Carvalho Araújo, e, na sua cabina de sinais, já despedaçada pela metralha inimiga, o desventurado telegrafista, quando no desempenho da sua nobre missão transmitia para o ar, na ânsia febril de um socorro, o rádio que narrava o que ali, a duzentas milhas de terra, se estava desenrolando.

Fora esse jovem marinheiro que na véspera à noite cantara, no «Mouraria», numa comovente toa-

### A minha prenda de anos

da, aquela cantiga, que dir-se-ia O cérebro cansado, e por vezes doente, já não me deixa transpor ao papel o que noutros tempos com relativa facilidade escrevia. Se não fosse a consideração e muita amizade que nutro pelos «Marialvas de S. Cristóvão», e a admiração pela riquissima obra de solidariedade humana que tais evangelizadores do BEM espalham, ter-me-ia esquivado a colaborar no presente número de tão simpático jornal.

Negar auxílio (seja de que maneira for) aos que de qualquer forma beneficiam os desprotegidos da sorte, é contribuir para a negra desigualdade permanente e injusta, que se recreia a contemplar a resignação de tantos que não possuem uma cama para dormir e uma mesa para comer o negro pão de cada dia.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Se contribuissemos TODOS para o bem comum, pondo de parte a noção constante e errada de pretender exigir que o Estado faça tudo, talvez os nossos filhos e os nossos netos pudessem, amanhã, agradecer o bem-estar que assim lhes proporcionariamos. Mas, teimosamente, cada um procura obiter mais e muito mais, sem

ter sido como que uma prevenção profética, a visionar o que o Destino lhe traçara, para o alvorecer da manhã do dia seguinte.

Alguns dos sobreviventes da tragédia heróica, empilhados num frágil batel arrombado, sem víveres, sem água para mitigar a sede que os devorava, sem uma bússola sequer que os orientasse, apenas com o recurso de dois remos, corpos a sangrar dos ferimentos recebidos em combate, aportaram a terra ao sim de seis cruciantes dias e outras tantas noites, mortos de fome e de sede, doze miseros farrapos humanos, mas, todavia, bem mais felizes do que os seus inditosos e bravos companheiros que lá ficaram sepultados nos abismos insondáveis do oceano!

Com esses valentes desceu, também, a pobre e inocente guitarra, para o fundo do mar, mas desta vez para os acompanhar, não no fado Mouraria, mas sim numa derradeira canção, a que bem se poderia chamar: SÃO ASSIM OS MARINHEIROS DE PORTUGAL!

Luis José Simões

olhar aos meios para conseguir os fins. Há felizardos que aparecem nas páginas do seu ERARIO com seis e oito ocupações, e, contudo, existem valores ocultos, abandonados, como folhas das árvores que o Outono atira para a valeta dos caminhos, que não ganham para comprar uma simples merenda. As criaturas privilegiadas e bafejadas pela sorte deviam meditar um pouco no dia de amanhã, suspendendo a ganância desenfreada do dia de hoje. Seria isso de proveito para o sossego e o bem de todos, assim como a divisão de alguma coisa de supérfluo pelos que nada têm. Se auscultarem bem o sentimento que vive na minha alma ao escrever estas palavras, os próprios egoistas hão-de meditar bem e dizer nor fim que tenho razão. Eu sou dos que já acham a vida comprida demasiadamente, e vejo que ao deixar o mundo poucas saudades ficarão atrás de mim. O meu temperamento, acusado de eterno indesejável, dá-me poucas simpatias, mas, paciência. Nasci assim e assim hei-de morrer. E que eu não posso ser músico de uma orquestra desafinada! Gosto de música, sim, mas de música bem dirigida, em que haja harmonia entre todos os executantes. O que eu desejo é que todos possam rir e folgar, que todos possam viver, sem ódios nem invejas. Porque sou assim e o mundo está tão desorientado, eis porque desafino no conjunto de tão grande e desvairada orquestração musical.

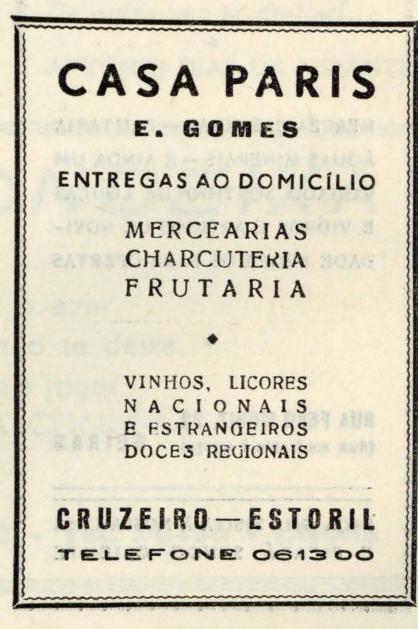
Que ninguém veja, na minha mal alinhavada prosa, espírito doentio de estadear ideias subversivas, mas apenas o de escrever, com a dor que dilacera a minha existência, conceitos que me parece encaminhariam o pensar dos homens para um melhor aproveitamento geral.

Eduardo Relvas

#### Fernando Teles

Por motivo de doença, deixou de fazer parte do nosso Grupo este amigo e distinto poeta.

«Os Marialvas de S. Cristóvão» não esquecem a valiosa colaboração que sempre nos prestou em todas as emergências.



### A BIFEIRA BAR

CERVEJARIA

Rua dos Douradores, 161 \* Telet. 23727 LISBOA STREED ADRAUGE AIRAM OB

Não deixem de visitar este modelar estabelecimento de ambiente acolheder. Com Vinhos das melhores regiões. Licores. Sandes com o melhor presunto. Sempre os melhores petiscos feitos à vista do freguês.

Aberto até às 2 horas

### CONSELHOS

### AOS PAIS

(para Afonso dos Santos)

Há perguntas que se fazem a crianças inocentes que julgamos ser por bem; quantas vezes elas trazem questiúnculas permanentes no lar, entre pai e mãe.

Nunca foi de bom agoiro perguntar às criancinhas de quem é que gostam mais; sendo elas nosso tesoiro, p'ra que ouvir suas gracinhas se vão desgostar os pais.

Mas quando a resposta surge pela ingénua inconfidência, que, sem q'rer, ateia o lume... logo a mãe ou pai se insurge. e conforme a preferência é reciproco o ciúme.

Vendo bem, na realidade. pelo lado da razão, a mãe é que as dá à luz; mas o pai. valha a verdade, é o que lhes dá o pão, sua mais pesada cruz.

Ai, se os dois compreendessem o lugar que lhes compete na educação da criança, talvez melhor se entendessem... Como o caso se reflecte tenhamos nele uma esp'rança.

Deixem cenas deletérias. exemplos que estão a dar aos filhos, seu mal maior... Não brinquem com coisas sérias se querem no vosso lar perfeito ninho de amor.

VENCESLAU DE OLIVEIRA

A Beneficência e o Excursionismo são o princípio e o fim de «Os Marialvas de S. Cristóvão».

> A CASA QUE SE IMPÕE PARA BEM SERVIR

### MERCEFRUTA

Diamantino M. Simões

MERCEARIAS FINAS - FRUTARIA AQUAS MINERAIS - E AINDA UM VARIADO SORTIDO DE LOUÇAS E VIDROS E ARTIGOS DE NOVI-DADE PRÓPRIOS PARA OFERTAS

RUA FEBO MONIZ, 22 (Rua em frente à igreja) OEIRAS

FAÇA UMA VISITA À NOSSA CASA E FICARÁ SENDO CLIENTE

Rei Brate Brete Brees Brite Brees Brees Brees Brite Brees Brees Beret Brees Beret Brite Brate Brate Brees Br

### SILÊNCIO NO BAIRRO

cuda-me! Acuda-me! Ti Mari Zé, pelas almas dos seus defuntos, venha depressa cá acima.»

... E os gritos rebolaram pela calçada. Depois, ouviu-se o estrondo de uma janela que se fechava com fúria. E o silêncio voltou.

Daí a instantes estavam as esquinas cheias de gente.

— Que foi?... Que foi?... perguntava-se.

No Castelo Picão todos se deitavam cedo. Os homens, porque às 3 da madrugada lhes começava o dia, e as mulheres, porque às 5 tinham que estar na Ribeira, na lota do que o mar deu. Não conitando com aquelas que andavam na descarga. Essas, a bem dizer. nem tinham horas. Quanto mais cedo, melhor.

A seguir ao jantar: deita. O vale de lençóis sempre foi, para os que trabalham, o grande aconchego dos ossos. Se não fossem aqueles gritos tão profundos e lancinantes, ninguém se teria levantado a meio do primeiro sono.

- «Acuda-me! Acuda-me! Ti Mari Zé tenha dó de mim que o meu pai quer-me matar!

Ruidos de luta.

A janela onde apareceu, de súbito, o vulto da Maria das Flores foi de novo fechada, com toda a força, como se um vendaval andasse à solta dentro daquela casa.

Os homens vestiram à pressa as ceroulas de xadrez. Troncos nus. As mulheres puseram em cima das camisas o que encontraram mais à mão. (A Carolina, por exemplo, vestiu as calças do homem dela e botou em cima do peito um xaile de trazer por casa).

... E todos vieram para a rua, meios tontos e aparvalhados, saber o que havia.

A Maria das Flores era o «tem--te-não-caias» da Madragoa. Tinha 16 anos e já ajudava a mãe ao balcão na venda do lugar. Uma fidalga. Nunca tinha calcorreado a 24 de Julho com a canastra à cabeça; nunca tivera necessidade de trincar a côdea do miolo que o Diabo comeu.

No entanto, como a inveja,

graças a Deus, nunca medrava nas vizinhanças, e a Maria das Flores não era vaidosa nem se dava ares de grande dama, todos lhe queriam bem.

Maria das Flores para aqui, Maria das Flores para acolá.

- «O senhora Dona Sofia, faça-me um avental de refegos igualzinho ao da Maria das Flores.»

E a senhora Dona Sofia, que era a costureira com mais fama nas redondezas, nunca precisava de figurinos franceses para implantar as modas no bairro. Bastava-lhe que a Maria das Flores desse, aos domingos, dois dedos de conversa à esquina do Machadinho, e tanto bastava. No outro dia choviam as encomendas.

- «Que seja bem igualzinho, senhora Dona Sofia. Com refegos, não se esqueça...».

Não senhores; não era como muitas outras que andavam pelas baiúcas, como as gatas em Janeiro, agarradas aos namoricos.

Bem prendada era ela. Andara na costura; e fizera exame do 1.º grau na escola do Amaral.

Diga-se em boa verdade que não havia nenhum rapaz que se atrevesse a fazer-lhe frente.

- Aquilo é para algum doutor - diziam eles quando a viam passar toda donairosa, andando e sorrindo. — Filha de varina é ela, não haja dúvidas, mas ainda é mais rainha do que a Margarida da Praça quando foi eleita - concluiam.

Que ninguém lhe conhecera qualquer namorado, era a pura verdade.

... Mas, nestas coisas, nunca se sabe.

Se o pai lhe batia era porque tinha razões para isso, ou porque estava bêbado.

Bêbado? Talvez; mas não era costume.

- Ti Mari Zé! Ó Ti Mari Zé! E os gritos da Maria das Flores ecoaram de novo na calçada. Era assim como um súbito trovão que tivesse estalado numa noite de calmaria.

Desta vez a Ti Mari Zé não ficou mais calada.

se comprimia numa angústia de morte, galgou as escadas da casa da Maria das Flores como se Deus lhe tivesse posto asas nas tamancas.

Depois, dai a instantes, todos ouviram conjuntamente com o estrondear de murros desesperados a voz imperativa da Ti Mari Zé gritar lá no cimo, à porta:

- Cá vou, rapariga! Cá vou!

... E afastando o povoléu que

— Abra senhor João! Abra, senão arrombo!

E arrombou mesmo.

Daí a um instantinho a Maria das Flores, ao colo da Ti Mari Zé, atravessava a multidão. Desfazia-se em lágrimas, e tinha a cara numa pasta de sangue.

Depois a Ti Mari Zé poisou um pé na soleira da sua porta; voltou-se ligeiramente para trás; e erguendo a Maria das Flores ao alto, como quem levanta um troféu, disse para todos a ouvirem:

- Fiquem todos sabendo que esta cara linda vem agora viver comico. Quem lhe tocar, seja Pai ou Mãe, que eu seja mais cèguinha se não for a mesma coisa que me bater a mim!

Entrou para dentro e fechou a porta com estrondo, como se a atirasse à cara de alguém.

Os que estavam mais ao pé ainda a ouviram murmurar baixinho este desabafo:

- Ou casas com ela, ou dou cabo de ti, malandro!

Depois, o silêncio desceu outra vez sobre a calçada.

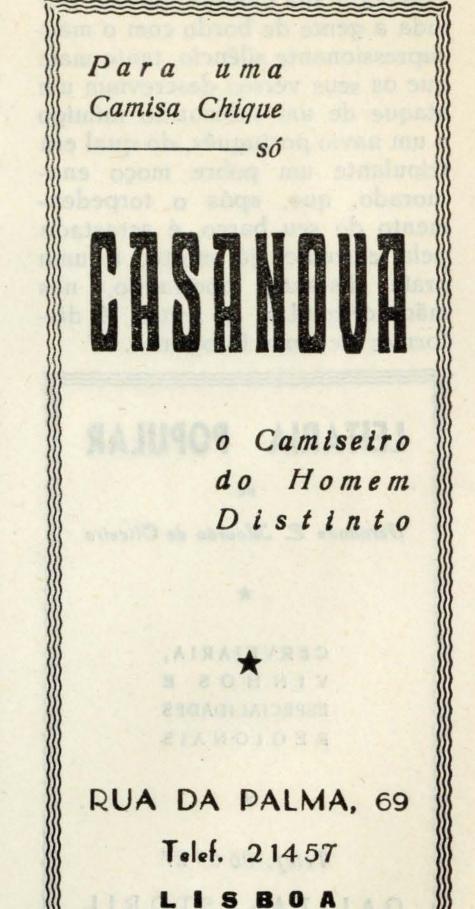
Ninguém, ninguém compreendera o que se tinha passado.

... Mas daí a uma semana o valdevinos do filho mais novo da Ti Mari Zé, aquele que andava a tirocinar para cantador de fado, casava, à sucapa, com a Maria das Flores.

E tudo se esclareceu.

SILVA BASTOS

(Do romance em preparação «Bairro»).



#### MANUEL DA GAMA CUNHA FLORESTA DE MOSCAVIDE

Com SERVIÇO DE RESTAURANTE

SERVEM-SE ALMOÇOS E JANTARES AO DOMICÍLIO - COZINHA REGIONAL -VINHOS RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

Rua Artur Ferreira da Silva, J. J. C. A. L. Rua Jogo da Bola, J. J. C. A. L. (FRENTE AO JARDIM) MOSCAVIDE TELEFONE 05 87 21

### RESTAURANTE FLORESTA

de MARIA EDUARDA DIAS CONDE

O Restaurante que melhor serve a preços económicos Servem-se almoços e jantares ao domicílio

R. Eduardo Augusto Pedroso, 4 + Tel. 012583 + Algés

### EVOCAÇÃO

### DE UMA DATA E DE UMA ARTISTA

Completaram-se no passado dia 28 de Abril precisamente 42 anos sobre a morte prematura dessa adorável e estouvada rapariga que foi Maria Vitória, insinuante actriz do nosso teatro ligeiro. Quem se lembrará ainda dela? Verdadeira encarnação do nosso Fado, foi o culto das plateias populares, aplaudida sempre com delírio pelos seus fiéis e dedicados admiradores.

Já largos anos passaram sobre aquele dia triste e sombrio em que o corpo franzino e nervoso de Maria Vitória ficou dormindo o sono eterno num modesto coval do Cemitério de Benfica. Poucos serão aqueles que ainda hoje recordam a sua voz harmoniosa e doce, inconfundivelmente bela, toda feita de sentimento, de dor e de tragédia.

Triste vida, na verdade, a da gente do teatro, onde os artistas, mesmo os mais queridos e aplaudidos pelo público, estão condenados à vida efémera das rosas!

De origem espanhola, mas portuguesa por nascimento, estreou--se Maria Vitória no antigo Salão Fantástico, na Rua do Jardim do Regedor, ao lado do também já desaparecido actor e aplaudido tenorino Eduardo Barreiros, em duetos e outros números de grande agrado das plateias populares. De lá passou para o antigo Casino de Paris, na Avenida da Liberdade, e depois para o teatro ligeiro, onde alcançou assinalado êxito, principalmente na célebre revista «O 31», que bateu um verdadeiro «record» de representações.

Boémia incorrigível, de uma alegria comunicativa, atravessou a
vida rindo, cantando e amando.
Acrescentarei ainda, chorando
também! Amiga verdadeira, sentindo a dor alheia como poucos,
não se poupava a sacrifícios para
servir um colega, um amigo, e até
um desconhecido. Na sua boca
puseram um dia um fado que bem
traduzia a personalidade da intérprete:

A estúrdia,
Só da balbúrdia
É que eu vivo, e me alimento;
Feita só de coração,
De alegria e comoção,
Toda eu sou sentimento!

VIVERDIA AMA GONCALVES

A moral e as convenções
Dos burgueses figurões
Arrepio à gargalhada...
Mas se a dor me penaliza,
Dou a alma e a camisa
À primeira desgraçada!...

Era assim, na verdade, esta excelente rapariga, que, bem nova ainda, tombou vítima da sua própria personalidade, toda ela misticismo e inconstância amorosa! Na casa onde algum tempo viveu na Rua do Jardim do Regedor, com janelas para a Travessa do Forno, de tantas tradições, era estimada por todos e especialmente acarinhada pela sua proprietária, a Sr.ª D. Sofia, uma atraente morena de cabelos negros e olhos muito vivos, que tocava guitarra e também cantava a primor. Já doente, sofrendo do mal que a havia de prostrar, ninguém continha os seus impetos de estúrdia. Conta o actor Carlos Leal, uma glória, felizmente ainda entre nós, do nosso teatro, amigo dedicado de Maria Vitória, que, quando da inauguração do Teatro Nacional na cidade do Porto, levava severa recomendação do empresário José Galhardo para vigiar a saúde, então já muito abalada, da artista, incorporada na

companhia que lá se deslocou para o efeito. Ele assim procurou fazer, não saindo do hotel em que se encontravam sem se certificar de que a sua protegida se encontrava já deitada e repousando. Abalou tranquilo, mas... ao regressar, altas horas da madrugada, foi encontrar aquela cabecinha louca, rodeada de grande corte, a dançar desenfreadamente o maxixe, num recinto de diversões que ficava próximo!

Na evocação deste suave perfil de mulher, que cantou como poucas o fizeram e que pode, sem favor, enfileirar ao lado das mais castiças intérpretes do nosso Fado, de todos os tempos, quero apenas prestar uma singela mas justa homenagem, que muito bem cabe neste número especial do jornal «Alma de Marialva», a esta inesquecivel fadista e camarada incomparável de boémia, que poucos hoje recordarão. Mas, os que o fizerem, já embranquecidos pelo tempo e pelas desilusões da vida, estou certo de que é com verdadeira saudade que lembrarão, não só a artista querida, como também esses tempos longinquos em que tudo era diferente... talvez, - porque não confessá-lo?... -por a idade também diferente ser então!...

António Jérvis Pereira

Resa duas vezes quem canta.

(Santo Agostinho)

### Fernandes & Pinto, Lda.

DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS ESSÊNCIAS E ÓLEOS ESSENCIAIS

RUA MARIA, 49 \* TELEFONE 84 25 80



### Fábrica de Gravatas "AMIL"

DE AMÍLCAR R. COSTA

GRAVATAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS SUSPENSÓRIOS E CINOTS

SUSPENSORIOS E CINOTS

Rua da Prata, 153, 5.°-F. te // Telef. 21936 // LISBOA

### A Rosa da Madrugada

(Inédito)

A Rosa que há muito andava Fazendo da noite dia Numa vida desolada, No bairro onde morava Toda a gente a conhecia P'la Rosa da Madrugada!

Uma noite em que as estrelas
No céu — a pátria da luz —
Lembravam gotas de mel,
A Rosa, pelas vielas,
Arrastava a sua cruz
Feita de pranto e de fel!

Já exausta, então, parou
Junto ao portal, muito velho,
Duma taberna qualquer,
E, embevecida, escutou
O mais salutar conselho
P'rá vida duma mulher!

Revestida de amargura
Com a sua carne viva,
Presa à sorte que a abastarda,
Seguiu p'la viela escura,
Cabisbaixa, pensativa,
Direita à sua mansarda.

E ao surgir a luz da aurora, Jurou, por alma dos pais, Tornar-se mulher honrada; Saiu do bairro p'ra fora E nem sombra se viu mais Da Rosa da Madrugada!

H. REGO

### Rosário da Saudade

Meu rosário de outra idade Tinha as contas de marfim... Agora são de saudade, Presa à primeira a do fim.

De tudo que não voltou Nas voltas do meu fadário, Uma saudade ficou E é conta do meu rosário.

E destas contas, tão presas No fio da minha vida, Não anda nas minhas rezas Nem uma conta esquecida.

Todo o rosário tem cruz, Sinal da cruz — fim de reza; No meu rosário traduz Fim de saudade — tristeza...

Meu rosário da saudade, De contas a rebrilhar, Beijo-te a cruz na ansiedade De outra vez te desfiar!...

ANTÓNIO DIAS DE ABRANTES

### JOAQUIM DOS SANTOS

FUNDIÇÃO DE METAIS, TORNOS, SOLDADURA ELÉCTRICA SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL

Rua do Arco, a Alcântara, 28 + Telefone 66 16 01 + LISBOA

### CASA CONDEIXA

Se te persegue o azar E a má sorte não te deixa, Só tens um fim : é jogar Na feliz CASA CONDEIXA.

17, Rua dos Sapateiros, 17 + Tel. 26480 + Lisboa

### DOIS SÍMBOLOS DE FÉ...

Marialvas — S. Cristóvão, Estes dois simb'los de fé Não devem nada a ninguém; Uns anos outros renovam E eles fazem finca-pé De viver fazendo bem.

Marialvas são fadistas
Desta castiça Lisboa,
De boémia e tradição;
E nos recantos bairristas,
Onde o bom fado se entoa,
São Cristóvão tem brasão.

Dois nomes num nome só, Vozes do fado doridas, De quem amou e sofreu, Muita pena, muito dó, Das crianças mal-vestidas E o nosso Grupo nasceu.

Não é rico, mas é nobre, Sabe folgar, sabe rir, E só bondade contém, Porque o pobre, sendo pobre, Inda sabe repartir O pouco que às vezes tem.

Joaquim Gonçalves Piçarra

#### BANDEIRAS

De todos os formatos para todo o género de instituições, como Associações, Federações, Clubes, Grémios, Sindicatos, etc., etc., de bons e óptimos tecidos de Seda, Setins, filel de lã, etc., só na

#### 1.ª Casa das Bandeiras

de A. CARDOSO
Suc.ª Margarida Cardoso da Costa

149, R. dos Correeiros, 151 Telefone 27482

BANDEIRAS PARA ALUGUER

CASA DE PASTO

DE

### CARLOS DA SILVA

SERVEM-SE ALMOÇOS E JANTARES

Vinhos finos de Carcavelos e de todas as marcas

A CASA PREFERIDA
PELOS VIAJANTES
DA COSTA DO SOL

Nesta casa realizaram um dos se us a l m o ç o s «Os Marialvas de S. Cristovão»

PRAÇA DA REPÚBLICA
Telefone 044072
CARCAVELOS

Zar Britte Britt Britt

### "OS MARIALVAS DE S. CRISTÓVÃO"

### E A SUA ACÇÃO BENEFICENTE

A beneficência é o óleo sem o qual a rodagem da nossa sociedade não pode funcionar. Não é ela nunca demais, por mais apurada que seja a acção social do País. A sua característica essencial é brotar espontânea do coração e ser espalhada com delicadeza.

Por isso considero que não pode ser imaginada melhor forma de «fazer bem» e de «manter uma tradição» do que aquela que é usada pelos «Marialvas».

As suas reuniões são como as de uma família no seu próprio lar, onde a intimidade cria o ambiente propício para se cantar o fado «fora de portas», como se diz em bom português, com sentimento e emoção não atingível em qualquer outra parte. E, além de tudo, é altamente altruísta a intenção beneficente que, afinal, os anima: auxiliar um grupo de criancinhas, suas protegidas, com modestos mas garridos vestidinhos, em certas quadras do ano, que enchem de alegria seus pequenos corações.

Considero-me muito honrado por ter tido o privilégio de ser convidado para a reunião dos «Marialvas de S. Cristóvão», em Loures, no dia 2 de Dezembro de 1956. Mais do que em muitas visitas que já fiz a Portugal, esse gentil convite deu-me uma grande

oportunidade de conhecer melhor o seu povo... de melhor sentir e apreciar o seu coração...

#### Augusto Boon

DORDRECHT (Países Baixos) Segundo dia da Páscoa de 1957

Nota da redacção — O signatário deste pequeno artigo assistiu, na companhia do nosso grande amigo António Jérvis Pereira, a um dos almoços de «Os Marialvas de S. Cristóvão». Trata-se de alguém de grande categoria social, advogado e banqueiro, natural desse pequeno mas grande país que é a Holanda. De tal forma ficou encantado com o nosso convivio que passou a corresponder-se connosco, não se esquecendo nunca de realçar a acção beneficente do nosso grupo, para a qual, aliás, já contribuiu por mais de uma vez. Amigo do fado e admirador das virtudes do nosso povo, este excelso amigo (podemos chamar-lhe assim) confirma o velho rifão segundo o qual os bons espíritos sempre se encontram.

Que a vida lhe sorria, são os nossos sinceros votos. E oxalá o possamos ver de novo entre nós, para o saudarmos como ele merece e como o sabem fazer «Os Marialvas de S. Cristóvão».

#### QUADRA

No teu avental de folhos Há dois cravos a brilhar... Que fazem lembrar teus olhos Quando os meus querem fitar.

A. S.

# FABRICA: R. DO LUMIAR 2-8 C. DE ARROIOS. 72 TEL. 79-015 LISBOA TEL. 4-2118

### Eu vos saúdo

«Marialvas de S. Cristóvão» É com orgulho que provam A vossa organização. Vosso grupo é tão falado, Que merece o meu agrado, A minha dedicação.

Tem a mais nobre divisa
De auxiliar quem precisa:
Vestirem as criancinhas!
Que progridam passo a passo,
São os votos que eu lhes faço
Aqui nestas simples linhas.

Versos em rimas modestas,
Que enaltecem vossas festas
— As festas e as excursões! —
Excursões tão divertidas
Que são sempre recebidas
Em todas as recepções.

Depois, no vosso jornal
— Uma ideia genial
Que eu não deixo de louvar —,
Sempre, de forma correcta,
Este ou aquele poeta
Poderá colaborar.

JOAQUIM JOSÉ DE LIMA (AMIL)

RELÓGIOS O U R O PRATAS

RELOJOARIA

### Solora, Lda.

Fundada em 1913

Casa especializada em monogramas

RUA DE S. NICOLAU, 42 Telef. 2 1550 — Lisboa

Billia Britis Britis

### ABILIO FERNANDES

MERCEARIAS E VINHOS
CARNES SALGADAS
CARVÕES E LENHAS
DE TODAS AS
QUALIDADES

VIVENDA ANA GONÇALVES M O N T E L E I T E

> SÃO JOÃO DO ESTORIL TELEFONE 060854

### Agradecimentos

O nosso Grupo sinceramente agradece a quem tanto nos tem auxiliado nesta cruzada do Bem, endereçando a sua gratidão aos seguintes amigos: Fernandes & Pinto Lda., Manuel Lourenço, Mário Pires da Silva, Raul Pires da Silva, Luís Antunes, Manuel Resende, Artur Dias Guerreiro e Esposa, aos apreciados artistas José & Anhuk, a Albertina Correia e Henrique Franco, marialva «cem por cento», a quem todos os seus amigos e consócios enviam um grande abraço.

#### ACADEMIA RECREIO ARTÍSTICO

A esta simpática e velhinha colectividade, enviamos os nossos agradecimentos e sinceras saudações.

A todas as senhoras que, com a sua boa vontade e dedicação pelo nosso grupo, confeccionaram os vestidos para as crianças nossas protegidas, vão os nossos melhores agradecimentos.

Bem hajam!

### BENDITA SEJA A ESCOLA

Dedico estes meus pobres versos ao meu afilhado José Augusto Guedes, com os desejos de longa vida.

A escola é bendito altar Da sagrada educação, É ela que ensina a amar Nossos pais com devoção.

Educando a humanidade
Com sua Luz tão divina,
É ela que predomina
P'ra bem da moralidade,
Na sua pura verdade
Ela ensina a respeitar;
Que prazer ao evocar
O meu amor tão profundo,
Proclamando em todo o mundo
A escola é bendito altar.

Criando tantos louvores Nessa obra meritória, Lutando pela vitória, Bem hajam os professores. São eles os precursores Da mais sagrada missão, Ao 'spalharem instrução Tornando mais leve a cruz Dos que vivem sem ter luz Da sagrada educação.

Ó! escola bela e amada
Jóia p'ra mim preciosa,
Casa tão bela e saudosa
Onde a instrução é dada!
Com a sua luz tão sagrada
Como é lindo recordar
Sua obra de educar
A todos deixa saudade
Só para bem da verdade
É ela que ensina a amar.

Louve a escola com prazer,
Amor sinto ao evocá-la,
Jamais deixarei de amá-la
No mundo, enquanto viver.
Porque ensina a não 'squecer
A mais altruista acção,
Dando luz sobre a razão,
Ela ensina, com amor,
Adorarmos com fervor
Nossos pais com devoção.

JOSÉ MANUEL CHÊCHO



### Saudação

Sem o mais leve propósito de molestar tanto grupo congénere que existe, não podemos deixar de, excepcionalmente, felicitar os grupos que têm comunqado connosco, desejando-lhes longa vida e prosperidades:

Velha Guarda
Marialvas da Madragoa
Rapatanas
Carinho e Amparo da Criança
Os 15 Patricios
Os Foliões da Carris
Os Galos Unidos
Os Apóstolos do Escondidinho
A Pandilha
Liga Pró-Moral
Marialvas do Barreiro.

### CASA DE PASTO ANTIGO FERNADOR

ESMERADO SERVIÇO DE COZIN, HA

PRATOS REGIONAIS

VINHOS DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

Rua Jardim do Tabaco, 6-8-10 Telefone 2 40 80 • LISBOA



Angela Nunes no momento da sua actuação no 52.º almoço

### Domingos Augusto da Silva

SALÃO DE CHÁ

Rendez-Vous du Parc

Telef. 06 01 30

ESTORIL . PORTUGAL



### INSTRUMENTOS para BANDA, TUNA, ORQUESTRA e JAZZ

O maior sortimento em Acordeons, Concertinas e Harmónicas de boca

Músicas e acessórios para todos os instrumentos

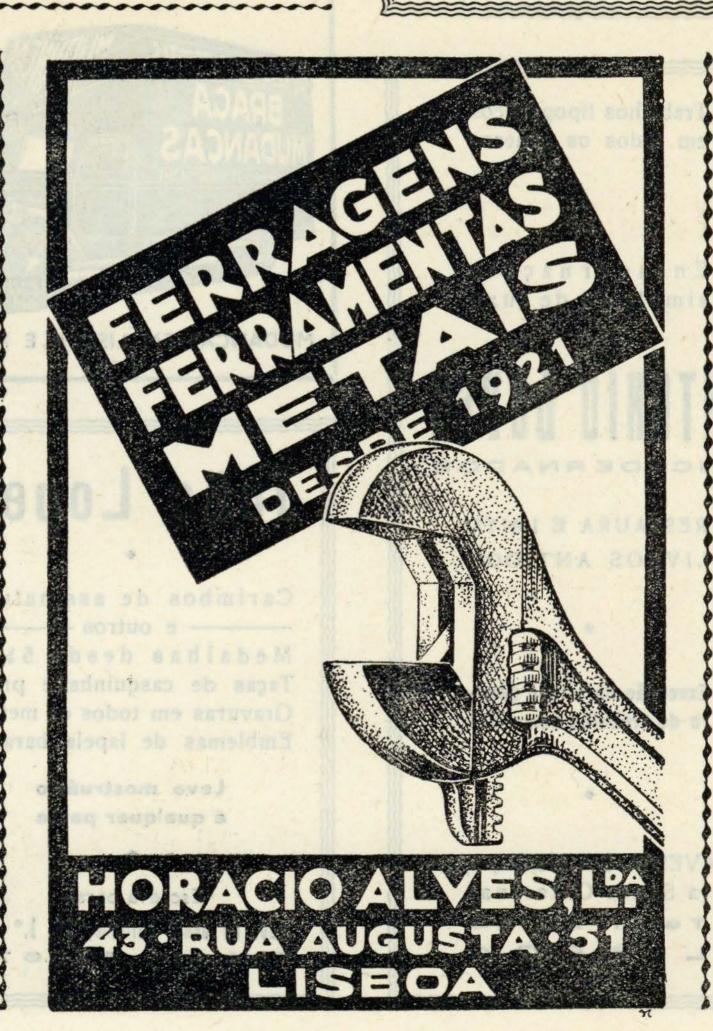
Oficina de reparações

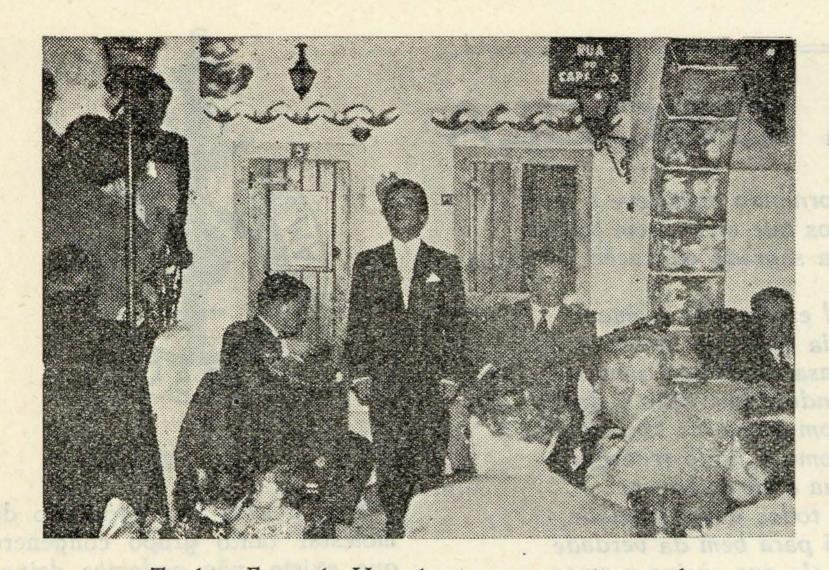
Fornecedores do Exército, G. N. R., Polícia e Legião

### Lautos Beirão, Lda.

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 2-C a 8 • TELEF. 22180

CHAIR BOY AND OF THE OF





Também Fernando Manuel actuou com muito agrado no 52.º almoço «Marialva»



Um aspecto do convívio «Marialva», onde o nosso guitarrista, João Manarte, revela o seu temperamento de artista

Meu caro Xico:

Quando, de maneira tão gentil, me pediu para colaborar no número de «Alma de Marialvas», comemorativo do 18.º aniversário desse simpático grupo, constituído por gente de coração, que se chama «Os Marialvas de S. Cristóvão», dei tratos à imaginação para conseguir recordar-me de qualquer ofensa que lhe tivesse feito,

A ECONÓMICA DO BAIRRO SOARES

### Afonso da Silva Roque

MERCEARIAS FINAS

Especialidade em cha, café, bolachas, vinhos finos, etc., etc. • Variado sortido em louças de porcelana e esmalte

Secção de Ceras para soulhos. Móveis e vários artigos e miudezas.

Recomendamos o nosso CAFÉ PARAÍZO

Rua Luís de Camões, 111

Telf. 012163 - ALGES

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Encadernações simples e de luxo

### ANTONIO GOPES

ENCADERNADOR

RESTAURA E IMITA LIVROS ANTIGOS

Execução de todo o género de trabalho comercial

TRAVESSA DA HERA, 5, 1.º
(a Santa Catarina)
Telef. 20144
LISBOA

Carta aberta a Francisco Manuel de Almeida

### NO 18.° ANIVERSÁRIO DE "OS MARIALVAS DE S. CRISTÓVÃO"

pois ninguém me tirava da cabeça que só por vingança resolvera fazer-me semelhante pedido, sabendo, como sabe, que escrever a sério e sentimentalmente não é o meu forte!

É que escrever sobre a actividade de «Os Marialvas de S. Cristóvão», grupo que vive — por sinal com bem pouco! — quase exclusivamente para o Bem-Fazer, para, mercê do magnânimo coração dos seus associados, dar uns momentos de alegria a algumas dezenas de pobres criancinhas que tão carinhosamente veste e calça, não é coisa que possa fazer-se de ânimo leve, pois a isso se recusa o coração só ao pensar-se na in-

felicidade dos pequeninos contemplados e na imensa ternura que por eles sentem todos aqueles que de «Os Marialvas» fazem parte.

Bastante havia que dizer sobre a benemerente actividade de «Os Marialvas de S. Cristóvão» ao longo dos seus dezoito anos de existência, mas, embora reconheça o muito que o grupo tem feito a favor dos pequeninos desprotegidos da sorte, falta-me a arte para enaltecer, nos devidos termos, as grandes, as inigualáveis qualidades de solidariedade, de nobreza e de amor de que tem dado sobejas provas.

### Empresa de Transportes BRAGA

Rua dos Correeiros, 28-1.º

LISBOA • Telefone 21249

A primeira organização do País, criada exclusivamente para o serviço de mudanças,

Evite V. Ex.ª maçadas com a sua mudança encarregando-nos desse serviço, por contrato especial de empreitada, compreendendo os carros necessários para transporte, pessoal para carga e descarga, desarmar e arrumar os móveis, embalagem de livros, loiças, vidros, objectos de arte, etc.

com material apropriado e pessoal técnico

especializado

MUDANÇAS EM LISBOA E PARA TODO O PAÍS . ORÇAMENTOS GRÁTIS

### João Lopes

Carimbos de assinatura

— e outros — —

Medalhas desde 5\$00 Taças de casquinha e prata Gravuras em todos os metais Emblemas de lapela baratos

> Levo mostruário a qualquer parte

rescreva para:
Irao. de Santa Quitéria, 58, 1.º Esq.
Telefone 672674

### ALBERTO LOPES PARADA

Agente da "SINGER"

MÁQUINAS DOMÉSTICAS
::: E INDUSTRIAIS :::
A PRONTO E A PRESTAÇÕES / RÁDIOS, FRIGORÍFICOS, FOGÕES, ETC.

RUA VÍTOR BASTOS, 56-Cave Campolide — LISBOA Telefone 683672 É por estas razões que o grupo «Os Marialvas de S. Cristóvão» jamais poderá acabar, pois enquanto ele existir haverá sempre crianças vestidas e calçadas à sua custa, uma vez que a sua única razão de ser é a satisfação que sente de fazer bem aos seus pequeninos protegidos.

E um abraço amigo do

C. G.

### TENTADORA LIMITADA

Géneros de primeira qualidade

Chá, Café, Bolachas, Biscoitos e Chocolates

ESPECIALIDADE EM AZEITE DE CASTELO BRANCO

> Frutas sêcas e doces em todas as qualidades das methores procedências

Rua José Elias Garcia (Vivenda Gonçalves) + PAREDE

PRODUTOS

EBRO

PRODUTOS BONERA

### FABRICA EBRO

DE

Fonseca & Barata, Lda.

"DROPS"
CARAMELOS
REBUÇADOS



RUA WASHINGTON, 41-A
TELEFONE 84 19 98 
LISBOA

#### DOS MARIALVAS DE S. CRISTOVÃO ATRAVÉS DA IMPRENSA DO PAÍS 954). No ent 30 ruyon ia cui uyuu que expirou ás 121 de S. G. o ga o 17. aniversario rarente declarou d'ACTOS DE BENEMERENCIA Schammed S ordinariam receberam vestidos nov do Grupo "Os Marialvas de S. Cristóvão" - 1 russos de no O Grupo «Os Marialvas de S. Cristo» dos m vaqua I jao» vai festejar o seu 17 a efei o a sua vaqua I jao» vai festejar o seu 17 levando a efei o a sua vaqua I jao» vai festejar o beneficência, vestindo da erei o proximo dia 27. levando a vestindo ra a noite hecos ex habitual acção de beneficência, vestindo ra a noite la calcando 28 crianças pobres. Juda a ella calcando 28 crianças anteriores, uma joletim clinic. nfermo ainda o ritório, ma Oferecidos pelos simp. O seit ticos Marialvas de S. Cris aron hoji habitual acção de beneficencia, ra a noite and habitual acção de beneficencia, ra a noite a noite and habitual acção dos anos anteriores. Jornal epois confirma abandonac acceptante de la calcando accept avak que A exemplo dos anos pelo nosso jornal epois confirmada. abandonac criança das protegidas pelo nosso jornal e ido era gravissimo checo em u accistir aos festajos e será vestidas do aigua en contenta das protegidas de será protegidas Foi uma fessa enternecedora a que o sin /vestiram 30 crianças emen e reft abandonac riança das protegidas pelo nosso jornal epois confirmación de la protegidas pelo nosso jornal epois confirmación de la protegidas de pático grupo dos Marialvas de S. Cristóva checo em W rá assistir aos festejos e será vestidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com as protegidas do ziam que, durar olítico aos calçada juntamente com actividada do calcada do promoveu, no domingo, na Academia Re creio Artístico. Como noticiamos os eMn calçada juncano isdo arterial bi referido grupo os obstáculos e dificul- ido grande predictiva de todos os obstáculos de ho- do um tratamento de vida ainda há grupos de ho- do um tratamento de vida ainda há grupos de la vida ainda ainda há grupos de la vida ainda rsão arterial b para comemorar o 17.º aniversário que Krud referido grupo os obstáculos e de ho- do um tratame da sinda há grupos de ho- do um tratame da sinda há grupos de se espainafa- erca do meiocomunistas e dades da vida ainda que, se espainafa- enca do meiocomunistas e dades da boa-vontade que, se construtiva, ansava trandidos eles de mens de boa-vontade que, se construtiva, ansava trandidos eles de mens de boa-vontade que, se construtiva, ansava trandidos eles de mens de boa-vontade que, se construtiva, ansava trandidos eles de boa-vontade por construtiva. rialvasa ofereceram vestuário e calcado i trinta crianças pobres, incluindo-se neste comunistas ( dades da vida ainda há grupos (le 110 do um tratame espalhafa- erca do meio- dos eles est, mens de boa-vontade que, se construtiva, ansava tratame existe, actual mens de realizando uma obra construtiva. etendem co Apesa da vida ainoa que, se espantata erca do meio Celebrando o 17.º aniversario da sua fundação. o Grupo «Os Marialvas de existe, actua to, vão realizando mais profundo des des des des de crianças pobres. E e sua m sua fundação de crianças pobres. E e sua m sua fundação de crianças pobres. E e sua m sua fundação de crianças pobres. E e sua m sua fundação de crianças pobres. E e sua m sua fundação de crianças pobres. E e sua m sua fundação de crianças pobres. número uma garotinha protegida pelo nosso jornal. As crianças contempladas foram ainda brindadas com um lanche, depois do que Krud Apesar de vida ainda que, se construtiva, ansava tranq detendem construtiva de vida que, se construtiva de companhat de cades da vida que, se construtiva de cades da vida que, se construtiva de cades de boa-vontade que, se construtiva de cades de cades da boa-vontade que, se construtiva de cades de cades da construtiva de cades de cad que se efectuou uma sessão solene comemoecialmente in há tantas. tantas crianças pobres e desgeral de Ka rativa do 17.º eniversário dos eMarialvas» e houve uma exibição de palhaços para os de Ka seu sentido tanta. co e membro o foi mencio dades que assação de seu sentido. gada de seu sentido tanta. protegidas! protegidas! gada de seu sentido tanta. pequaninos espectadoras que tiveram, assim, uma tarde olegre e felik. se que, neste cul tantas, tantas, tantas de que ha tantas de Ka geral de Par protegidas! Não nos devenão foi mencio dades que as stação de concenço estaliniste e 8 anos. La das, tesquireixo do grupo residente da Junta de Preguesta de S. Cristóvão e S. Lourence, chrea os quêis graf. Joel Barra, das, tesquireixo do grupo, referente de grupo de concenço e 8 anos. La das, tesquireixo do grupo, referente de grupo de concenço e 8 anos. La das, tesquireixo do grupo, referente de grupo de concenço e 8 anos. La das, tesquireixo do grupo, referente de grupo de concenço e 8 anos. La das, tesquireixo do grupo, referente de grupo de concenço e 8 anos de concenço e 9 anos de concenço e 8 anos de concenço e 8 anos de concenço e 9 anos de concenço e 8 anos de concenço e 9 anos de concenço e 9 anos de concenço e 8 anos de concenço e 9 anos de 6 anos de concenço e 9 anos de Aos «Marialvas de S. Cristóvão renovamos os nossos agradecimentos peles suas genti- qu'm Manato, presidente da Junta de primo de la freguesia de S. Cristóvão e S. Lou-renço, e durante a mesma varios ora-renço, e durante a mesma varios ora-renço, e durante a mesma varios ora-renço de benta de b lezas e ficamos a desedar-lhes as matores :venturas para que se prolongue a sua sim- '-- munerum. de «Os Marialvas de S. Cristovão» vam a Marial vas de S. Cristova de S nde tovão». que tem Marialvas de 8 hanasiaan uma n entrada mora accão de beneficencia checos. aniversário, distribuindo n e calcado a vint m que se recos. aniversario próximo benerica i para ordi o con esta noir aver vestuário distribuia 27 o que pode side to visitar, ar que muito agradecemos. Visitar, ar que muito agradecemos. acção de beneficencia. tem exercido uma Comemora no próximo qua 27 o e mile al seu 17.º aniversário o Grupo «Os reticibales de S. Cristóvão, que nesse S. CRISTOVÃO» 28 crianças pobres. Uma criança protegida pelo nosso o tarajornal será, também, contemplada, utor, serão re- | 4 mi m comunicado l do Grupo os Marialvas de S. Cristóvão la va No grupo «Os Marialvas de S. No salão da Academia Recreativa Artisti-Idstovão» realizou-se, no dominca, Rua dos Fanqueiros, 286-1.º, efectua-se to, uma sessão solene comemono próximo domingo, 29, promovida pelo ativa do seu XVII Aniversário, Grupo os Marialvas de S. Cristóvão, que furante o qual foram apresentaestá a comemorar o seu 17.º aniversário, 80 T las 30 crianças vestidas e calçauma sessão solene durante a qual serão las por esta benemérita colectiapresentadas trinta crianças a quem foi disndade. tribuido vestuário e calçado por aquela colec-GRUPUS RECREATIVOS tividade. Entre esses pequenitos encontra-se uma protegida do nosso jornal, gentilez-Para comemorar o seu 17 and Marialvas 28 multo agradecemos. rersário o Grupo «Os Marialvas de 3. Cristóvão»—que tem a sua sccre-S. Cristovao" arma aà Rua dos Correeiros, 28, 5., 1. leva a efeito, no próximo dohingo, pelas 15 horas, no salão da Na Academia Recreio Artistico, rua dos Academia Recreio Artístico, na Rua los Fangueiros. 286. 1.'. uma ses-Fanqueiros, 286, 1.0, realiza-se, amanha, 15 horas, a sessay colene comemorativa do nos marialvas de nos aniversario de suas actividades de suas act ião solene, para apresentação de im grupo de trinta crianças pobres quem foram 'distribuidos vestuain e calça entre as quais figura in Diário de Lisdassa na proxima sexta-feira o 17. aniva B. Calstovnos Tio Grupo «Os Marialvas de S. Cristo Passa na proxima sexuariera o manual tam examina de sexuariera o manual tam examinado de sexuariera o manual tamba de sexuariera recreativas 9 Yaon, que tem «US Mariaivas de l'Asian exercido, no longe da sun anneciável accan henerican. crianças vestidas pelo Grupo «Os Marialvas» Yaon, que tem exercido, no longo da sur la faita em feita em feita em ana Existencia, uma apreciavel accao Denericente de simpatico oruno vai distribuir Vestuário e calcado a 28 crianças nobras a contrata distribuir Vestuário e calcado a 28 crianças pobres e in mon pur 'Os Marialvas de S. Cristovão' restuário o simpático tem acção benericante resse número includo simpático tem feito benericante distribuir de seradecemos deferencia uma crianças distribuir de seradecemos desejando reporte de serado de sejando de sejando reporte de sejando de to agradecemos desejando Ao publicarmos mais um número do nosso jornal — «Alma de Marialvas» — não podemos deixar de, muito gostosamente, manifes-tar o nosso mais vivo e sincero agradecimento a toda a Imprensa, pelo valiosissimo auxílio que sempre tem prestado à causa que é o objectivo e principal razão de ser do nosso Musica da maiem daqueranto e cal s... Musica da maiem daqueranto e cal s... Musica Radamanto e cal s... Radamanto e cal s... Musica Radamanto e cal s... Mas radas Prancisco Grupo Vestiu ervida s'a do do santos. Sendo-lies qual s' Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 26 r. mas no poder lado Entra poder rada de maxima, 26 r. mas no poder lado Entra poder rada de maxima. Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 30 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 20 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco mas rada de pouco momento. No mesmo máxima, 20 DIARIO DE NOTICIAS Mas rada de pouco ma grupo:

### PRECE DE PERDÃO

(Com um abraço amigo, ao amigo de sempre Matias Palmo)

Perdão, ó q'rida Mãe, no quanto errei, é certo, indo p'lo mau caminho, em vez de ter escutado a tua voz amiga, a qual, aqui, tão perto me vem, nesta prisão, evocar o passado;

À noite, ante o silêncio, eu triste e só, deserto, lembro constantemente o tempo em que a teu lado fui sempre o teu «Menino» e então, saudoso, aperto contra o meu peito forte, o teu retrato amado!

Mas ante esse retrato, ó Mãe, tão pequenino, ouço dizer-te assim: «Escuta, ó Meu Menino pecaste, eu sei, por isso... eu dou-te o meu perdão;

E digo-te meu filho: — O que nunca pecou te atire uma só pedra... e eu dos Céus, onde estou, nem sequer hei-de ver erguer-se uma só mão!

MÁRIO CRISTINO DA SILVA

### O AMOR DUM PASSARINHO

(Dedicado à gentil menina Maria Isabel — — « Pricesinha » do Dafundo — e às criancinhas protegidas pelos "Marialvas de S. Cristóvão").

Era assim todos os dias, mal amanhecia: a linda avezinha saltitava na sua gaiola dourada, trinava, como que a ensinar qualquer das suas árias maravilhosas, e depois soltava gorgeios ininterruptos que eram como que uma saudação ao dia, à luz, à vida e à felicidade.

O quarto da Dulce, silencioso e romântico, transformava-se assim no recanto mais alegre e belicoso da casa. E Dulce abria os seus lindos olhos, despertava e sorria.

Como era belo aquele quadro matutino!

Que alegria, que pureza e que encanto nos gorgeios e nos sorrisos daqueles dois poéticos amigos, mal o Nascente se iluminava!

Havia uma circunstância que muito impressionava Dulce e mais a fazia adorar o seu querido companheiro e amigo: era este pressentir, com grande precisão, a beleza ou a tristeza dos dias que via despontar. Se eles eram de sol ridente e glorioso, sua alegria não tinha limites. Se eram chuvosos ou plúmbeos, já a sua expansão era mais comedida e melancólica.

Do mesmo modo pressentia os dias da felicidade ou tristeza de Dulce. Dir-se-ia que lia a Natureza e via o coraçãozinho da sua amiguinha.

O avô de Dulce tinha tido realmente uma feliz ideia quando comprara a preciosa gaiola dourada com aquele extraordinário passarinho lá dentro, que tão bem sabia cantar, sem ninguém lhe ter ensinado. Mas Dulce também tinha tido outra ideia não menos feliz: pendurar a gaiola no seu quarto, tazer com que o pequenino trovador fosse seu amigo e se habituasse àquele idilio de todas as manhãs: acordar e saudar com os seus mais encantadores gorgeios a sua querida, rosa linda e perfumada amiguinha e companheira, que tanto gostava de despertar assim.

Um dia, quando Dulce já era crescida, apareceu na cidade Raul, um jovem, que tinha sido amigo de infância da linda menina e passara largos anos no Algarve.

Contava coisas formosas dessa provincia: histórias de mouras encantadas que faziam passar horas e horas de enlevo, descrições encantadoras dos quadros de beleza que oferecem as amendoeiras floridas em pleno Inverno, histórias e descrições que também o tinham enlevado na sua meninice e ainda agora o enterneciam.

E Raul e Dulce amaram-se enlevados: ele ouvindo a história da avezinha, que dentro de uma gaiola dourada, eterna prisioneira, fora o único amor dela, e ela ouvindo a história de mouras encantadas, que foram durante muitos anos os amores dele.

O passarinho vivo e estridente e a lenda quimérica e romântica tinham aproximado os dois jovens, tinham unido os seus corações.

E ambos resolveram caminhar juntos pela vida fora, sonhar os mesmos sonhos, cantar a mesma felicidade.

Um dia houve grande alvoroço no quarto dos dois amados, primeiro, e em toda a casa e família, depois. O passarinho não cantara nessa manhã a sua alvorada, não acordara com os seus gorgeios argentinos os dois noivos adorados. Adoecera gravemente.

Dulce alvoroçada, inquieta, abriu a gaiola, pegou carinhosamente na doce avezinha, aconchegou-a ao peito, pôs-lhe o bico nos seus lábios cor-de-rosa, dirigindo-lhe ao mesmo tempo ternas palavras de conforto e amizade, como se as dirigisse a um filho querido. E a avezinha, reconhecida e feliz desse carinho e desse amor, soltou lindos gorgeios, ternos e saudosos, e saltitou nas mãos da sua grande amiguinha, ficando mais alegre e mais feliz.

Teixeira Júnior

### Quem tem razão

(Repertório de Frutuoso França)

Uns seis anos não mais teria o Quim o filho encantador da dona Aninhas que todas as manhãs no seu jardim, tenta furtar um ninho de andorinhas!

Mas numa tarde o velho jardineiro deixou perto uma escada, e o Quim, traquinas, subiu por ela muito surrateiro e pôs no ninho as mãos tão pequeninas!

Deu gritos de triunfo ao retirar uma andorinha implume, que assustada, tentou a liberdade, e quis voar, mas foi cair no chão inanimada!...

O pai que tudo viu, asperamente, fez-lhe sentir o mal daquela acção: quem mata uma avezinha friamente, na consciência é crime sem perdão!

Passara-se algum tempo e por amor, à emoção dum torneio, o pai do Quim, fora no tiro aos pombos vencedor, e sisudo o garoto, diz-lhe assim:

Não chego a entender se tens razão, ser um crime matar uma andorinha, se te chamaram hoje campeão e mataste, a sorrir, tanta pombinha!

JOÃO INÁCIO



### CRIANÇAS

Ao Grupo dos Maria!vas de S. Cristóvão, oferece a autora

Crianças! Rostos de anjos, tão mimosos, de almas puras, doces e singelas, há algo nos seus vultos graciosos, de aves, borboletas, flores, estrelas.

São tesouro de amor imaculado que enternece o coração mais duro. Espelho onde nos vemos no Passado, promessas e esperanças do Futuro.

Buliçosas, folgando com ardor, ao vento os caracóis ou loiras tranças, o que há no mundo mais encantador do que os risos alegres das crianças?!

Ah! Que possam brincar, rir e cantar, rodeadas de conforto e de carinho!

Quem sabe o que o Destino lhes vai dar...

Quem sabe o que as espera no caminho...

Que possam recordar a sua infância com uma saudade enternecida, pois talvez seja, visto na distância, o tempo mais feliz da sua vida.

E pensar que há crianças que têm frio, de olhos tristes, expressão de fome, que há miséria no seu lar vazio, que, quanta vez, de lar só tem o nome.

Crianças, que da vida, as dores cruas já conhecem, e envoltas em farrapos, de pèzitos descalços pelas ruas, não têm bonecas, nem sequer de trapos!

Bem hajam, pois, os corações tão nobres que com o mais cristão dos sentimentos, socorrem tantas criancinhas pobres, suavizando-lhes os seus sofrimentos.

E incutem com a sua caridade, na alma desses homens de amanhã, a plena convicção de que a bondade é muito mais que uma palavra vã.

Bem hajam, sim, pois seguem os divinos conselhos de Jesus, o Rei dos Reis! «O QUE FIZERDES PELOS PEQUENINOS É A MIM PRÓPRIO QUE VÓS O FAZEIS».

Por consagrarem-se a esta missão que da benemerência tem o cunho tão digno de louvor e gratidão, aos MARIALVAS DE S. CRISTÓVÃO, testemunho a homenagem da minha admiração!

Maria Amélia Carvalho de Almeida

Carlos Conde

#### COLABORADORES

Graciosamente deram a sua valiosa colaboração para este número de «Alma de Marialvas», a quem apresentamos os nossos mais sinceros agradecimentos, os Ex.<sup>mos</sup> Senhores:

(Por ordem alfabética).

Abel Pereira de Araujo Álvaro Pereira Dr. Amaro d'Almeida Américo Marques dos Santos António Dias de Abrantes António Jerviz Pereira António José da Cunha Dr. Augusto Boon Carlos Godinho Eduardo Miranda das Neves Eduardo Relvas Fernando Baptista (Zé Sincero) Frederico de Brito Henrique Lourenço Henrique Rego Joaquim Gonçalves Piçarra Joaquim José de Lima José Gabriel de Almeida José Luciano José Manuel Checho José Pereira João Inácio João Linhares Barbosa Luis José Simões D. Maria Amélia Carvalho de Almeida Mário Cristino da Silva Manuel Morais Canaveira Silva Bastos Teixeira Júnior Venceslau d'Oliveira

### O Leilão da Casa da Mariquinhas

(Do repertório de Alfredo Marceneiro)

Ninguém sabe dizer nada Da famosa Mariquinhas. A casa foi leiloada, Venderam-lhe as tabuinhas.

Inda nova e com gajé,
Encontrei na Mouraria
A cél'bre «Rosa Maria»
E o «Chico do Cachené».
Fui-lhes falar, já se vê,
E perguntei-lhes de entrada
P'la Mariquinhas, contada!...
Respondeu-me o Chico—e vê-la!?
Tenho q'rido saber dela;
Ninguém sabe dizer nada.

— S as outras suas amigas:
A Helena, a Júlia, a Alda,
A Berta, a Ilda, a Mafalda,
E as outras mais raparigas?
Aprendiam-me as cantigas
As mais belas, coitadinhas!
Cantavam como andorinhas,
Olhos e peitos em brasa...
Que pena tenho da casa
Da famosa Mariquinhas!

O Chico, então, apertado
Com perguntas, explicou-se:
— A vizinhança zangou-se,
Fez um abaixo assinado.
Diziam que havia fado
Ali, até madrugada,
A pobre foi obrigada
A sair, foi posta fora,
E por mor duma penhora
A casa foi leiloada.

O Chico fora ao leilão,
Arrematou a guitarra,
O espelho, a colcha com barra,
O cofre-forte e o fogão.
Como não houve «cambão»
Porque eram coisas mesquinhas,
Trouxe um par de chinelinhas,
O «alvará» e as bambinelas,
Até das próprias janelas
Venderam-lhe as tabuinhas.

JOÃO LINHARES BARBOSA

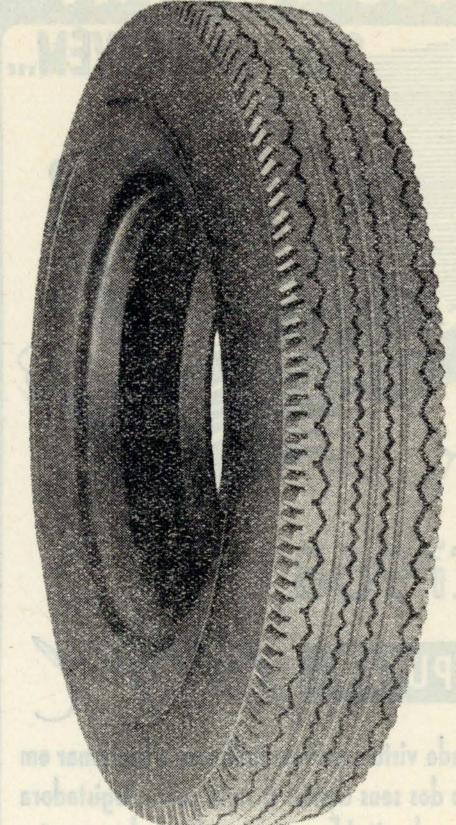
#### GERMANO MACHADO SERRALHARIA MECANICA E CIVIL



AISNAS E COBERTURAS METÁLLICAIS, REPIARAÇÃO E MONTAGEM DE MÁQUINAS, MÁQUINAS DE BLOCOS E BETONEIRAS, GUINCHOS PARA ELEVAÇÃO DE CARGAS, SIALAMANDRIAS EM TODOS OS ESTILOS, FOGÕES DE GRANDE E PEQUENA CAPACIDADE, TUBAGENS PARA ÁGUA E VAPOR AQUECIMENTO CENTRIAL

Calçadinha do Tejolo. 45-A (às Escolas Gerais) — Telef. 86 31 37 — LISBOA

## TYRESOLES TORNA NOVO O PNEU USADO



MESMO RENDIMENTO DOS
PNEUS NOVOS,
SENDO A SUA
RECONSTRUÇÃO
FEITA, NORMAL-

ASSEGURA O

MENTE DE

4 a 5 VEZES.

Av. da Liberdade, 136, 1.º LISBOA

Avenida dos Aliados, 138 PORTO

### O PREÇO DA BONDADE

Andamos perdidos num mundo demasiado materialista para podermos apreciar o verdadeiro significado da Bondade. Todos temos uma vaga noção do Bem e do Mal, é certo, mas pouca gente encara seriamente o problema do Bem com a amplitude e a elevação que o caso realmente merece.

Quando o homem, por circunstâncias estranhas ao vil individualismo, procura transmitir ao semelhante necessitado um pouco de protecção e um eficaz auxílio monetário, todos os olhares se voltam curiosos para essa personagem quase irreal, quase fantástica, e pasmam como é possível conciliar, a par de tantas tentações, tão generosos sentimentos.

Realmente, o indivíduo desprezar a comodidade da vida independente, às vezes os próprios proventos, para, em seu lugar, se dedicar de corpo e alma à bendita missão de amparar os pobres, os desprotegidos da sorte, é tarefa que transcende o âmbito das coisas quotidianas para filiar-se no mundo maravilhoso da pura filantropia.

Essas almas eleitas nem sempre são compreendidas, é certo,
pois muitas vezes, através da sua
útil e necessária acção, sofrem
dissabores sem par. Mas elas teimam, insistem, pois sabem que,
para lá da chamada indiferença
ou ingratidão, alguma coisa fica
a recompensar o seu esforço, alguma coisa que se traduz por lágrimas que se enxugaram com o
calor da bondade.

De resto, quem tem a certeza de estar contribuindo para minorar a miséria é indiferente a críticas ou aplausos. Eles agem por imperativos de coração e nunca para satisfazer vaidades pessoais. Só assim se explica a cruzada daqueles indivíduos que, partindo do zero e arrostando inúmeras dificuldades, conseguem erguer um pequenino mundo de caridade, mundo onde cabe o amor ao próximo e a esperança de ver suavizada a dor alheia. Só isso e nada mais, porque nada mais é preciso, com efeito, para unir almas bem formadas.

Estas palavras foram-me sugeridas pela acção, deveras notável, do Grupo de Beneficência «Os Marialvas de S. Cristóvão», que, no seu sublime intento de socorrer as crianças desamparadas, têm erguido um verdadeiro templo de bondade, templo onde se abriga permanentemente a Caridade, a Esperança e o Amor.

Responden-me a Chico-e

enho o'rido\* sabe\* dela:

Algumas dessas crianças já hoje atingiram a maioridade e estão colhendo agora os frutos que a árvore do Bem, plantada em devido tempo por aquele Grupo, colocou no seu caminho.

Elas jamais poderão esquecer a sombra acolhedora de tão generosa árvore, pois foi devido a ela, sem dúvida, que as suas vidas, de trágicas e desgraçadas que eram, se tornassem, como por encanto, em existências úteis à sociedade.

E por isso que nunca é demais enaltecer a obra destes Grupos isolados, embora modestos, vivendo sabe Deus com que sacrifícios, tendo apenas a norteá-los a chama das grandes causas pelas quais o homem se torna ver-

dadeiramente grande e digno de admiração.

São eles que vão arrancar à lama vidas sem rumo; amparam existências mendigas de afectos e de recursos; socorrem a infância desvalida ou abandonada; dão guarida a raparigas sem lar e pão a tantas bocas famintas. São eles, sobretudo, que procuram emprestar ao ambiente mesouinho em que vivemos um pouco de afecto, um pouco de humanidade.

A tarefa é ingente mas o amor é ainda maior. É ele, afinal, que dita o preço da bondade e nos leva a acreditar que para o manter é preciso saber ter coração!

Alvaro Pereira

#### Penas de amor

(Para uma cantadeira)

Tão alto te pus um dia dentro do meu coração, que nele já não cabia outra qualquer afeição.

Em meu amor te envolvi, com tanta fé e ternura, que logo por ti senti adoração... e loucura.

Eras tudo para mim, a minha vida, o meu Deus... Viver sem ti era o fim dos mais belos sonhos meus.

Mas um dia, quem diria! minha alegria findou e uma profunda agonia o peito me torturou.

Num doloroso contraste, a minha alma ficou triste, de tão vil que te tornaste... de tão baixo que caíste!

Não mais me venhas falar, nem me queiras ver sequer, pois não te quero odiar, por causa doutra mulher.

Manuel Morais Canaveira

### Recordando

Coração, vence a distância Que teima em te separar Duma quimera perdida... Volta a ser na minha infância Feliz menino a sonhar Nas fantasias da vida.

Anda ver aquele pomar Que abastecia de pomos A minha velha sacola... Coração, vem recordar Por um momento o que fomos E fazer gazeta à Escola.

Vem coração sonhador, Ver através do postigo Dos anos, infantis laços... Anda ver aquele senhor Que nos deixava ir consigo Ao circo, ver os palhaços.

Desde o meu bibe de folhos Que saudade, coração, Às lições mal estudadas!... E a menina de cinco olhos A beijar-nos cada mão Com trinta palmatoadas.

E depois desta esperança D'ilusão já revivida, Voltamos à realidade... Eu não mais serei criança E tu serás toda a vida A alma duma saudade!...

Américo Marques dos Santos

### Encontrei a Mariquinhas

Mais fresca, alegre e bizarra, Encontrei a Mariquinhas; Já resgatou a guitarra Mas não quer as tabuinhas...

Via-a ali, no Cais Sodré...
Tinha vindo de Cacilhas
Ela, a Rosa, o «Maravilhas»
E o Chico do Cachenél
Cheia do mesmo gagé
E alegre por vir da farra,
Trajava saia com barra,
Blusa com muitos folhos.
Surgiu assim. aos meus olhos,
Mais fresca, alegre e bizarral...

Falei-lhe. Contou-me, então,
Que tinha andado à pancada
E que fora condenada
A seis meses de prisão...
Mal saiu, foi ao Tacão,
Alugou quarto na Aninhas
E, p'ra moer as vizinhas,
Foi com o Chico ao Ginjal
Onde à volta, por sinal,
Encontrei a Mariquinhas!...

A Rosa pôs-se ao dispor P'ra lhe emprestar o dinheiro, E o Chico foi o primeiro A ficar por fiador. O «Maravilhas» quis pôr Na questão a sua garra: Com mais obra e menos parra, Pediu ao Chico a cautela, E a Mariquinhas, com ela, Já resgatou a guitarra!...

Pensa-se então para já
Reunir a fadistagem
Numa festa de homenagem
A que ninguém faltarál
O Marceneiro vai lá,
Já o disse, sem picuinhas;
As rendas, as chinelinhas,
As fitas e o cortinado,
Tudo ela quer, de bom grado,
Mas não quer as tabuinhas...

CARLOS CONDE

#### Aos nossos Colaboradores

A falta de espaço, eterno mal que aflige todos os jornais, impossibilitou-nos de publicar neste número toda a colaboração que amigos dedicados tiveram a amabilidade de nos enviar.

Os originais agora não publicados — embora já compostos — reservamo-los para um número especial que publicaremos no próximo Natal — data em que vestiremos mais algumas crianças —, certos de que os nossos colaboradores saberão reconhecer a nossa boa vontade e isenção e que nenhuma culpa nos cabe no sucedido.

A gravura que ilustra a primeira página do nosso jornal, foi desenhada pelo nosso amigo Américo Paulino, conceituado artista pintor, que quis prestar-nos com este magnífico trabalho a sua valiosa colaboração.

Visado pela Comissão de Censura



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 37 . TELEF. 59181 . LISBOA

### NOITES DE ALFAMA

Eu fui p'la noite fora até à velha Alfama; A própria luz da lua acompanhou meus passos; As sombras do Castelo, orgulho da Moirama, 'Stendiam-me de longe os seus enormes braços.

Em baixo, o velho Tejo, um lago de ilusão, Mostrava os seus batéis dum negro carregado; A voz não sei de quem, falou-me ao coração, E então, não sei porquê, pus-me a cantar o fado.

Passei à velha Sé, corri Alfama inteira, E ali, de rua em rua, andei sempre a cantar; Até que fui parar à rua da Regueira, Que à noite, as ruas, são regueiras de luar!

Minha pobre guitarra andava como louca, Talvez por se encontrar no bairro de mais fama. Enquanto a minha voz muito cansada e rouca Ia arrastando o fado ali na velha Alfama!

FREDERICO BRITO

### Os dois criadores do fado académico

Um tema frequentemente discutido é a relação entre o Fado de Lisboa e o Fado de Coimbra, bem como a sua semelhança e os seus contrastes.

Não podemos, de forma nenhuma, julgá-los independentes e é mesmo forçoso considerar, no Fado de Coimbra, a influência da canção fatalista que em Lisboa se definiu e expandiu por meados do século passado.

Podemos dizer que o Hilário foi o primeiro estudante que deu forma de Fado às maviosas cancões coimbrãs de amor e de saudade, mas, antes dele, os primeiros passos de aristocratização artística devem-se a Luís de Almeida, o buliçoso estudante de Lisboa, cuja vida decorreu, sob determinados aspectos, tão semelhante à do Hilário.

Luiz Filipe Ferreira de Almeida Melo e Castro, apenas conhecido por Luís de Almeida, nasceu em Lisboa em 1844, entrando aos 15 anos para a Escola Politécnica, a fim de tirar os preparatórios para a Escola de Guerra, visto pretender seguir a carreira militar. Contudo, seguiu o curso vagaroso e despreocupado, absorvido pela vida boémia a que a sua alma irrequieta rendeu culto, afastando-se cada vez mais dos livros, é certo, mas adquirindo uma popudaridade notável entre a estudantada que adorava ouvi-lo dedilhando a guitarra na interpretação dos seus originais «Fados Científicos».

O Fado tinha ainda todas as características puras de canção de viela na garganta dos fadistas que nesse tempo campeavam: o Calcinhas, o Campanudo, o Patusquinho, o Zé Borrego, o Zé Petiz, o Caetano, o Patuscão e outros.

Chorai, fadistas, chorai!

A Severa já tinha morrido e nas betesgas sombrias ainda se lamentava, ao som da banza, a sua triste sorte, bem como os amores e os ciúmes doutras tantas «severas» que ficaram. Mas este fado corria pelos salões em onda epidémica de «snobismo», apesar de todo o seu travo de alcouce.

Luís de Almeida deu o primeiro passo de cultura académica ao Fado. Ele próprio compunha os versos que cantava, servindo-se de motivos científicos de que tirava partido com graciosos trocadilhos que constituíam o delírio da rapaziada das escolas.

Alegre e estouvado, em serenatas de rua em rua, comandou, como chefe da boémia académica, a sua «malta», até à promoção a oficial, que conseguiu aos 27 anos.

As gerações sequintes evocavam a graça e a vivacidade do estudante-fadista que cantava e bebia, amava e sonhava encostando o peito à sua fiel companheira, cujos acordes eram toda a sua vida.

Só poucos anos depois da sua morte é que apareceu em Coimbra uma duplicação desta personali-

### DESILUDIDO

Inexorável morte, vem depressa, Levar-me desta vida depravada, Quero voltar ao pó, ao lodo, ao nada, Aonde todo o ser, sem q'rer regressa...

Estou velho, já não presto e estou doente, Falta-me a vista, a força, a agilidade, Servi o mais que pude a humanidade, Agora... sou um estorvo unicamente.

Entrei na vida a rir, julguei gozá-la, Mas isso sim, por meu destino fero Nunca a gozei, vivi, portanto quero, Sem ter saudade alguma, abandoná-la.

Eu existir! Que importa, venha a morte, Um homem sem saúde não é nada, Para que serve a vida amargurada? E então, a quem não teve nunca Sorte...

HENRIQUE LOURENÇO

dade — o grande Hilário —, que não pode ter copiado Luís de Almeida, mas que deve poder traduzir o segundo degrau duma evolução natural do Fado.

Ambos os estudantes boémios se perderam na melopeia das cordas da guitarra, ambos criaram qualquer coisa de novo. Luís de Almeida chamou, para os estudantes, um Fado diferente, mostrando-lho sem rameiras trespassadas de ciúme; Hilário romantizou o Fado, transformando as estudantinas numa canção dolente e saudosa de dor e queixume, cantando a tricana e os feitiços de Coimbra.

Luís de Almeida não conseguiu dar ao Fado os excelsos primores de arte atingidos por Hilário, por lhe faltar o ambiente e por ser duma sensibilidade bastante distinta. Era chistoso, brincalhão, bocageano e de ironia fina, mas menos preso ao lirismo das gerações coimbrãs do século.

Abrangido pela lei fatal dos boémios, Luís de Almeida morreu aos 28 anos, deixando a vida ainda mais novo do que Augusto Hilário.

Ambos tiveram honras militares. Por ironia do Destino, até nisso foram iguais os dois espíritos mais controvérsos à ordem e à disciplina.

Amaro de Almeida

### AQUILO NÃO ERA FADO!...

(Inédito)

Tasca reles, baixa, esconsa!
Um faia ajeita a samarra,
Olha em ar de desafio,
Embrulha um cigarro de onça,
Bebe três, pede a guitarra
E canta um fado vadio...

Da turba ordinária, rasca,
Surge uma voz avinhada
Em jeito de provocar;
E logo ao canto da tasca
Começa uma desgarrada
De cantigas a atirar...

Carrascão nos intervalos,

Mas quando já não há sede

Nem vinho no cangirão,

Há naifas de cinco estalos,

Bancos de encontro à parede,

Copos de encontro ao balcão...

Depois a rusga, o castigo De gente vil, pouco séria, Com destino já traçado.

... E há quem lembre o fado antigo Nestes quadros de miséria, Nesta desgraça de fado!...

CARLOS CONDE

### CANTINHO DE S. JOÃO CAFÉ-BAR

AURORA SILVA e J. L. CARREIRA

ÓPTIMA COZINHA

Fados e guitarradas a o s D o m i n g o s

Esplanada e Salão

REBELVA
(a 700 metros de Carcavelos)

### AI DOS INFELIZES!

Feliz, o que puder gozar a vida Com todos os prazeres que há na Terra! Desconhecendo a dor, sempre sentida, De todo o infeliz que o mal aterra.

E, sempre é infeliz quem der guarida Aos pezares que a vida muito encerra; Em sua amargurada e dura lida, Não vive, nem vegeta... mas só erra!

Deus meu! Que a muitos dais o dom e a graça, Para sempre na vida bem-viverem, Rodeados de conforto e de ventura;

Velai também, p'os filhos da desgraça, Que vivem por viver, sem nada terem, E ampara-os enfim na desventura.

JOSÉ PEREIRA

### Alma Le Martalus



#### Manuel Teixeira

A este grande «Marialva», coração magnânimo, transmontano que nunca renega a sua terra, embora se encontre em terras da América, nunca esquecendo os desprotegidos da sorte, enviam os «Marialvas de S. Cristóvão» um sincero abraço de agradecimento pelos valiosos auxílios que sempre nos tem dispensado, em prol da nossa causa: VESTIR OS NUS.

ARTIGOS DE MERCEARIA DAS MELHORES QUALIDADES,
VINHOS FINOS E DE CONSUMO DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

FIOR DE BELLO DE NOTA S

Rua da Bela Vista, 34
CASCAIS

### SABE QUE ...

... o nosso grupo já distribuiu, até à data, vestuário e calçado a 240 crianças pobres.

... já despendeu para fins beneficentes a quantia de 33.372\$95.

... o número de sócios é limitado a 26 e dele fazem parte poetas, guitarristas, cantadores e cantadeiras.

... o distintivo do nosso Grupo é usado em diversas partes do Mundo.

... o «Diário Popular», em sua primeira página de 14 de Março de 1943, publicou a fotografia dos «Marialvas», saindo de tipóia para a Quinta de São Vicente, onde inauguraram a sala dos «Marialvas de S. Cristóvão».

... o primeiro jornal órgão do nosso Grupo saiu no dia 4 de Junho de 1941, tinha 6 páginas no formato de 1/4 comercial.

... Armandinho, o mago da guitarra, foi sepultado em 22 de Dezembro de 1946.

... Avelino de Sousa, um dos maiores poetas populares, faleceu em 17 de Julho de 1946, com 77 anos de idade.

... já se publicaram até hoje 26 jornais de Fado.

### QUADRAS

Não tens pejo em afirmar Que entre nós tudo acabou... — Mas como pode acabar O que nunca começou?...

É o meu maior desejo Uma prenda te ofertar, Mas essa prenda é um beijo E tu não mo deixas dar...

A. S

### PROGRAMA COMEMORATIVO DO 18.º ANIVERSÁRIO

Domingo, 28 de Julho de 1957

#### SESSÃO SOLENE

Na Academia Recreio Artístico, Rua dos Fanqueiros, 286, 1.º, por gentileza da sua Direcção, com a presença de diversas entidades, em que tomam parte delegados de grupos congéneres e Imprensa e durante a qual se fará a apresentação de 36 crianças pobres, vestidas e calçadas pelo nosso Grupo. Segue-se uma merenda, havendo um acto de variedades dedicado às crianças.

#### Dia 4 de Agosto

Almoço de confraternização entre os associados, num Restaurante Típico dos arredores, ao qual é nosso convidado de honra distinto poeta e autor teatrol Venceslau de Oliveira.



Os actuais corpos gerentes dos «Marialvas de S. Cristóvão». Da esquerda para a direita: Horácio Gameiro, 2.º Secretário; António Ferreira da Costa, Presidente da Secção de Beneficência; Afonso dos Santos, 1.º Secretário; António Lopes, Vice-Presidente; Francisco Almeida, Presidente da Direcção; Joel Barradas, Tesoureiro

### CARLOS PEREIRA CORREIA

Com a morte deste grande amigo, falecido em 2 de Novembro de 1956, perderam os «Marialvas de S. Cristóvão» um dos seus prestimosos auxiliares da nossa Secção de Beneficência.

#### BELO REDONDO

Mais um precioso colaborador e amigo que a morte nos roubou. Escritor concentrado e probo, da sua pena saiu um dos artigos que ilustraram o último número de «Alma de Marialva».

Também não queremos deixar passar em vão a nossa eterna saudade pelos queridos amigos que a parca roubou ao nosso convívio: vívio:

Júlio Pereira da Silva
Diamantino do Carmo
Manuel Gonçalves
Cândido Pessegueiro
Joaquim de Sousa
Joaquim Cândido Franco
Pompílio Pebre.

Paz às suas almas.

#### CONDE SOBRAL

A este nosso amigo, apresentam «Os Marialvas de S. Cristóvão» sentidas condolências pela morte de sua extremosa mãe.

#### SALVADOR FREIRE

Também se encontra de luto, pela morte de seu pai, este nosso grande amigo, a quem «Os Marialvas de S. Cristóvão» apresentam o seu sentido pesar.

#### ARTUR DIAS GUERREIRO

Já com o nosso jornal na máquina, fomos surpreendidos com a notícia da morte do sogro deste nosso consócio.

A este nosso amigo e sua Ex.<sup>ma</sup> esposa endereçamos condolências.

### MOBILADORA DA GRAÇA

de MIGUEL PEREIRA MATIAS

Tapeçarias, Maples, Decorações, Mobílias de estilos, Colchoarias, Escritórios, Móveis desirmanados, Camas de crianças, Mobílias modernas, Divans, Colchões de arame, etc., etc.

4-A, RUA DA GRAÇA, 6 . TELEFONE 84 51 45

### JOAQUIM INÁCIO

PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE BUCELAS

ESMERADO SERVIÇO DE COZINHA ALMOÇOS E JANTARES AO DOMI-CILIO, AOS MELHORES PREÇOS

> RUA ILHA DO PICO, 8 a 16 TELEFONE: 47150-LISBOA